



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

JAKELINE CONCEIÇÃO GUIMARÃES DE SOUZA

**AS SUBVERSÕES DO DESEJO FEMININO: UM OLHAR SOBRE A
SUBJETIVAÇÃO DAS MULHERES A PARTIR DO CASO DORA**

**São Luís – MA
2023**

JAKELINE CONCEIÇÃO GUIMARÃES DE SOUZA

**AS SUBVERSÕES DO DESEJO FEMININO: UM OLHAR SOBRE A
SUBJETIVAÇÃO DAS MULHERES A PARTIR DO CASO DORA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Scripto Sensu* em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito parcial para a obtenção de título de mestre.

Orientador: Dr. Marcio José de Araujo Costa.

**São Luís – MA
2023**

Ficha gerada por meio do SIGANBiblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Guimaraes, Jakeline.

AS SUBVERSOES DO DESEJO FEMININO: UM OLHAR SOBRE A SUBJETIVA
AO DAS MULHERES A PARTIR DO CASO DORA/ Jakeline

Guimaraes, jakeline guimaraes, jakeline Guimaraes. - 2023.
84 f.

Orientador(a): Marcio Jose Araujo Costa. Dissertação
(Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhao, Sao Luis,
2023.

1. Corpo. 2. Desejo. 3. Feminino. 4. Sintoma. 5.
Subjetividade. I. Araujo Costa, Marcio Jose. II. guimaraes,
jakeline. III. Guimaraes, jakeline. IV. Titulo.

JAKELINE CONCEIÇÃO GUIMARÃES DE SOUZA

**AS SUBVERSÕES DO DESEJO FEMININO: UM OLHAR SOBRE A
SUBJETIVAÇÃO DAS MULHERES A PARTIR DO CASO DORA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação *Scripto Sensu* em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito parcial para a obtenção de título de mestre.

Orientador: Dr. Marcio José de Araujo Costa.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof . Dr. Márcio José de Araújo Costa (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dra Dayse Marinho Martins
Universidade Federal do Maranhão
(UFMA)

Prof. Dra. Maria Lídia Medeiros de Noronha Pessoa
Universidade Católica do Rio Grande do Sul
(UFPI)

Prof. Dra. Jena Hanay Araújo de Oliveira Psicólogo
Universidade Católica de Campicas (UFMA)

Ao meu primeiro e infinito amor, minha mãe, (Rosie Maire) por toda a sua dedicação e seu exemplo de mulher, sendo meu espelho refletindo o maior amor que existe. Ao meu pai, (Francisco Ribeiro) por ser um homemsinônimo de força e resiliência, onde reside minha eterna admiração e amor. Dedico especialmente este trabalho aminha avó Rosilda Ribeiro (in memorian) que durante minhacaminhada sempre esteve presente com seus ensinamentos me proporcionandoo mais belo sentimento que uma grandemulher pode dar, o seu amor. Que a sua eterna saudade seja a força que deleita minhas mais belas inspirações. A todas as mulheres, em especial as mulheres de minha vida por me ensinarem o mais nobre de todos os sentimentos, onde reside minha maior fonte de identificação

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos meus protetores, e a Deus que em minha caminhada sempre esteve presente, me concedendo forças e inspiração mesmo nos momentos mais difíceis, Ele se fez presente iluminando minha trajetória me fazendo acreditar no potencial que eu tenho e na força que sempre me conduziu em todos os momentos, como este de conclusão do mestrado.

Agradeço aos meus pais, pelo amor incondicional que me fez suportar os dias sombrios. A minha mãe, Rosie Maire por sempre acreditar nos meus sonhos, me incentivar com suas palavras de apoio fazendo-me forte nos momentos em que a caminhada se tornava exaustiva e quase insuportável, ela se manteve presente, me dando forças, me conectando em suas orações e me fazendo acreditar que todos os dias seriam vencidos, chegando a tão sonhada vitória do mestrado. Todo meu amor e agradecimento a você minha mãe.

Ao meu pai que mesmo distante se fez presente, me mostrando a sua força, o seu apoio e me concedendo o seu amor e cuidado. O seu silêncio me fez compreender que também foi uma forma de cuidado, mostrando o quanto somos parecidos. Admiro seu

coração pela imensidão que ele é, pai você se mostra um ser tão humilde, mas com tamanha riqueza. A minha conquista do mestrado devo a você, meu eterno amor e gratidão.

Nívea Luz agradeço pelo seu apoio, carinho, amor e afeto e por sempre acreditar em meus sonhos, com você aprender a ser mais forte do que eu imaginava, aprendi a lidar com os dias tenebrosos, pois você estava lá, me mostrando a força e a coragem de uma mulher que é Luz, não só no nome, mas é Luz no caminho daqueles que passam em sua vida. Gratidão por me acompanhar nessa trajetória, meu amor, e minha gratidão a você.

Ao professor e orientador Marcio José de Araújo Costa, obrigada por aceitar o convite de trilhar o mestrado ao meu lado, pelo seu cuidado, afeto e disponibilidade ao longo desta caminhada, com você aprender a suportar o processo, você me fortaleceu quando a caminhada estava difícil, obrigada por acreditar em mim, e por abrilhantar esse projeto com suas contribuições. Minha gratidão e admiração, você sempre será lembrado por mim.

Gostaria de deixar a minha gratidão e admiração a Lídia Pessoa, minha analista,

que tornou essa caminhada do mestrado uma fonte de descobertas e inspiração. Lídia você foi fundamental nessa construção e conquista. Obrigada por me permitir sustentar o desejo de viver, mesmo em meio aos caos. Obrigada pelo seu cuidado, e obrigada por me fazer desvelar a delícia e a dor de sustentar a vida.

Aos meus amigos Augusto César, que presente ter você em minha vida! Você foi uma das pessoas que a psicanálise me concedeu a honra de cultivar e chamar de amigo, obrigada por pela sua alegria, e pelo seu cuidado, e por me permitir bons diálogos construtivos sobre a psicanálise. Gratidão.

Ana Cláudia gostaria de registrar aqui meu carinho pela pessoa e profissional que você é, obrigada por acreditar em mim, e por suas palavras em meio a tantos momentos, você foi porto seguro. Gratidão pela sua amizade e todo o meu carinho e afeto à você.

Gostaria de Agradecer também Wellida Cristina, coordenadora de psicologia, e minha amiga de caminhada na docência e na profissão. Você foi alguém que sempre se manteve disposta a me ajudar, compreendendo os momentos difíceis, e dando-me forças em todos eles. Agradeço a instituição FEMAF (Faculdade de Educação Memória Adelaide Franco) pelo carinho e por me ensinar o caminho e o amor pela docência. Ao professor Francisco, que me concedeu a honra de fazer parte da instituição que estimo meu respeito e consideração. Aos meus alunos que me permite caminhar com respeito e amor a difícil missão da docência. Será sempre minha fonte de inspiração.

Agradeço a todos os meus amigos, colegas de profissão, aos colegas do mestrado que não poderei citar o nome, mas que estará sempre em meu coração. Gratidão por todos os ensinamentos que me permitiram durante a caminhada do mestrado.

Também deixo meus agradecimentos à banca que contribuiu imensamente para a construção e finalização do mestrado. Obrigado a todos!

*“Escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém.
Provavelmente a minha própria vida.”*

Clarice Lispector

RESUMO

A presente pesquisa apresenta os conceitos e os impasses que atravessam a construção da subjetividade feminina, considerando os aspectos psicológicos, sociais e históricos implicados nessa construção. Assim, o objetivo central da pesquisa buscou compreender segundo os princípios da psicanálise como a subjetividade feminina contemporânea é construída articulando com a obra “Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria” publicada por Sigmund Freud em 1905. A mulher e a histeria permite a construção de um saber que se molda a partir da cultura e dos discursos organizativos que permeiam as relações e marcam a subjetividade. Dessa forma, a pesquisa apresenta diferentes concepções acerca da subjetividade, considerando a cultura, os aspectos históricos e sociais e o período patriarcal como marcos para a constituição da subjetividade feminina na contemporaneidade. Consistindo em uma pesquisa teórica pela qual se propõe retomar as obras clássicas de Freud e Lacan, bem como autores contemporâneos construído saberes enredado no campo feminino, utilizou-se como método a cartografia, levantando a seguinte questão: Como a Psicanálise compreende a construção da subjetividade feminina na contemporaneidade com base nos conceitos de desejo, corpo e sintoma. A mulher constrói sua subjetividade a partir de um desejo que inicialmente se apresenta assujeitado ao Outro, em uma tentativa de desvincular-se desse Outro se utiliza do seu desejo para descobrir sua identidade e seus papéis na sociedade. Portanto o desejo enquanto componente constituinte da subjetividade permite descobertas no corpo. O segundo componente constitutivo da subjetividade feminina é o corpo, que se apresenta em diversas facetas, ligadas ao campo social, psicológicos e psicanalíticos, o corpo é a via de acesso à verdade do sujeito que se apresenta pela via dos sintomas. O terceiro campo constitutivo da subjetividade é o sintoma é atravessado pelo discurso psicanalítico à medida que revela não a verdade da doença, mas a verdade do sujeito do inconsciente. O caso Dora é um marco na construção da psicanálise à medida que retrata sobre a histeria reunindo conceitos fundamentais tais como desejo, corpo e sintoma. Dora, paciente histérica vivencia no corpo as marcas do discurso dominante de uma época patriarcal. Portanto a sintomatologia apresentada por Dora se diferencia dos sintomas apresentados pelas mulheres históricas na contemporaneidade, à medida que na contemporaneidade os sintomas apresentam-se sob uma nova forma de organização subjetiva. Enquanto Dora transfere para o corpo as marcas psíquicas recalcadas pela via de uma cultura dominante, as mulheres históricas contemporâneas desafiam o discurso do mestre permitindo novas formas de organizações subjetivas.

Palavras-chaves: Subjetividade, feminino, Desejo, Corpo e sintoma.

ABSTRACT

This study presents the concepts and impasses that cross the construction of female subjectivity, considering the psychological, social and historical aspects involved in this construction. Thus, the central aim of the study sought understand according to the principles of psychoanalysis how female subjectivity contemporary art is constructed in conjunction with the work “Fragments of the Analysis of a Case of Hysteria” published by Sigmund Freud in 1905. Woman and hysteria allows the construction of knowledge that is shaped from culture and discourses organizational structures that permeate relationships and mark subjectivity. In this way, the study presents different conceptions about subjectivity, considering the culture, historical and social aspects and the patriarchal periodas landmarks for the constitution of female subjectivity in contemporary times. Consisting of a theoretical research through which it is proposed to revisit the classic works of Freud and Lacan, as well as how contemporary authors constructed knowledge entangled in the feminine field, cartography was used as a method, raising the following question: How can Psychoanalysis understands the construction of female subjectivity in contemporary times based on the concepts of desire, body and symptom. The woman builds her subjectivity from a desire that initially appears subjected to the Other, in a attempt to detach yourself from this Other uses your desire to discover your identity and their roles in society. Therefore, desire as a componente constituent of subjectivity allows discoveries in the body. The second componente constitutive of female subjectivity is the body, which presents itself in several facets, linked to the social, psychological and psychoanalytic field, the body is the access route to truth of the subject that presents itself through symptoms. The third constitutive field of subjectivity is the symptom is crossed by psychoanalytic discourse as reveals not the truth of the disease, but the truth of the subject of the unconscious. The Dora case is a milestone in the construction of psychoanalysis as itportrays hysteria, bringing together fundamental concepts such as desire, body and symptom. Dora, hysterical patient experiences on his body the marks of the dominant discourse of a patriarchal era. Therefore the symptomatology presented by Dora differs from the symptoms presented by hysterical women in contemporary times, as in contemporary times Symptoms present themselves under a new form of subjective organization. While Dora transfers to the body the psychic marks repressed by a dominant culture, contemporary hysterical women defy the master’s discourse allowed new forms of subjective organizations.

Keywords: Subjectivity, feminine, Desire, Body and symptom

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A SUBJETIVIDADE DE DORA.....	16
2.1 <i>O enigma da subjetividade feminina: que respostas Dora decifram?</i>	16
3 O CORPO REVELA-DOR DAS MARCAS SUBJETIVAS	36
3.1 Amor, desejo e identificações: O caminho de Dora na Construção da dualidade subjetiva	36
3.2 O corpo e as Marcas: As representações subjetivas no caso Dora.....	41
3.3 Para Além do a-Doravel desejo: O Corpo real de Dora e seus sintomas desvelados.....	44
3.4 Corpo, identidade e construção social: quem é a Dora contemporânea?	48
3.5 A beleza do corpo: Um sintoma Contemporâneo	49
4 O QUE A CONTEMPORANEIDADE APRESENTA SOBRE AS SUBJETIVIDADES?	58
4.1 A beleza da subjetividade Feminina: o espelho que captura o desejo	58
4.2 A Neurose contemporânea: O lugar dos sintomas para a construção da subjetividade feminina.....	60
4.3 A Dora contemporânea: Um novo saber sobre a Neurose Histórica	63
4.5 A subjetividade Feminina: um novo lugar para as históricas de Outrora	66
4.6 Transexualidade: Um novo lugar para as históricas?	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS.....	79

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa discute como ocorre a construção da subjetividade feminina utilizando-se de conceitos psicanalíticos abordados na obra *Fragmentos da Análise* de um caso de histeria, publicado em 1905 por Sigmund Freud. É importante considerar que a construção da subjetividade feminina está relacionado com a forma que o indivíduo se comporta no mundo, sendo afetado pelas suas vivências e pelas interações sociais, culturais históricas que marcam a sua construção psíquica. Dessa forma, entende-se que a cultura, a sociedade, e os eventos históricos são exemplos de como as mulheres são significativamente afetadas em sua construção subjetiva.

De acordo com Boris e Cesidio (2007), a construção da subjetividade feminina foi se transformando ao longo dos períodos históricos, tal questão encontra-se associado ao processo de construção do psiquismo depender da cultura, hábitos e costumes para ser formado, dessa forma, em cada momento histórico essas atribuições eram estabelecidas de maneiras distintas consequentemente interferindo nos modos de subjetivação das mulheres contemporâneas.

Para a psicanálise a subjetividade feminina é um campo sempre em processo de descobertas, uma lacuna a ser explorada, Lacan (1998) retrata que é preciso alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Compreender sobre o campo da subjetividade feminina é refletir sobre os aspectos históricos e os avanços sociais, reconhecendo as nuances entrelaçadas nesse processo. Portanto a subjetividade feminina para a psicanálise seria uma via de representação do inconsciente, sendo a herdeira da instauração do discurso capitalista, onde ela seria marcada pela padronização em detrimento da singularidade.

A partir de uma construção teórica utilizou-se a obra *Fragmentos da análise* de um Caso de histeria, conhecido como caso Dora para investigar conceitos primordiais da psicanálise tais como: desejo, corpo e sintoma, com base em tais conceitos são investigados os modos de subjetivação das mulheres na contemporaneidade, tomando como base os aspectos psicológicos, sociais e históricos que implicam a construção da subjetividade feminina.

A psicanálise desde sua construção depara-se com os enigmas da subjetividade feminina, sendo a mulher, o primeiro deles. A relação da mulher com o corpo é o alicerce para a construção de saberes, uma vez que é entre o corpo e a subjetividade que a mulher

existe e se constitui. Esse encontro é permeado por conflitos, sofrimentos e descobertas. A partir dessas marcas psíquicas que a subjetividade feminina faz seus registros. Embora exista uma vasta produção teórica sobre o campo feminino, a pesquisa torna-se relevante, pois se utiliza de uma obra clássica para desvelar sobre a substância enigmática do ser mulher.

A mulher e a histeria encontram-se entrelaçadas na psicanálise, sendo faces de uma mesma moeda. Enquanto que a primeira é representação de um sentido singular, à medida que não existe uma definição pronta, sendo o continente negro, a segunda funda a psicanálise. A mulher e histeria para a psicanálise permite uma construção de saberes que se articula pela via do corpo. Retomando uma grande questão: O que é a histeria para a psicanálise na contemporaneidade? As históricas de hoje remete as mesmas questões que remetia na época de Freud? A resposta para essas perguntas encontram-se baseada em três grandes fenômenos para a psicanálise: Desejo, Corpo e Sintoma.

Assim, descrever sobre o universo feminino é mergulhar nas profundezas de possibilidades e descobertas, é buscar na arte, na poesia e na música uma fresta de acesso à subjetividade. Cora Carolina (1993, p. 203) retrata em seu poema as seguintes estrofes ao se referir o universo feminino.

Mulher da vida, minha irmã, de todos os tempos, de todos os povos, de todas as latitudes. Ela vem do fundo imemorial das idades e carrega a carga pesada dos mais torpes sinônimos, apelidos e ápodos: mulher da zona, mulher da rua, mulher perdida, mulher à toa. Mulher da vida.

A pesquisa utiliza-se de uma leitura crítica de uma mulher chamada Dora, que traz no nome a Dor de se constituir enquanto sujeito de desejo e que precisa enfrentar os desafios de uma cultura dominadora para dar sentido as suas fantasias bem como sua sexualidade. A mulher histórica é aquela se coloca como causa de desejo, não sendo capaz de nomear seu próprio desejo, utiliza-se do corpo para gozar de seus sintomas, tornando o desejo um gozo enigmático. Para a psicanálise o desejo é um movimento em direção à marca psíquica deixada pela primeira experiência de satisfação, sendo inconsciente. O desejo de Dora portanto seria a tentativa de torna-se mulher? Em meio a tais questões, o desejo seria uma forma de construção da subjetividade feminina a medida que permite o sujeito ocupar novos lugar, não mais assujeitado ao Outro, mas sim um sujeito de desejos que dar sentido a sua existência. O desejo é um corpo metaforizado, assim compreender-se que o corpo na psicanálise ocupar um lugar primordial, sendo um lugar para transferência de desejos inconscientes, fazendo assim uma ruptura entre o corpo da biologia e corpo da

psicanálise. O corpo para a psicanálise é aquele representados por afetos que marca o inconsciente dando contorno e sentido a construção da subjetividade feminina.

A relação da mulher com o corpo é o alicerce para a construção de saberes, umavez que é entre o corpo e a subjetividade que a mulher existe e se constitui. Esse encontro é permeado por conflitos, sofrimentos e descobertas. A partir dessas marcas psíquicas que a subjetividade feminina faz seus registros. Embora exista uma vasta produção teórica sobre o campo feminino, ainda se torna inesgotável os conteúdos para desvelar sobre a substância enigmática do ser mulher, devendo assim considerar os aspectos psicológicos, sociais e históricos enredados nessa construção.

Sabe-se que a histeria foi para a psicanálise a esfinge que deu contorno a compreensão sobre o saber diante do feminino, delineando a construção sobre a mulher e sua relação com o corpo, e suas formações sintomáticas. Assim, os traços marcantes inconscientes permanecem se repetindo, marcando a subjetividade e decifrando as marcas psíquicas constituintes de sua formação.

A psicanálise começou seus estudos pela neurose e os sintomas histericos, dessa forma a neurose representava a expressão de conflitos sexuais enquanto que os sintomas seria a via de acesso ao inconsciente, à medida que os sintomas revelavam uma verdade cifrada do sujeito, por outra via é um lugar paradoxal, onde o sujeito, sem que ele o saiba, tem a sua satisfação realizada, embora se apresente pela via do sofrimento, o sintoma. O sintoma é tal como o inconsciente, estruturado como uma linguagem, porque participa da linguagem e de suas leis. É, também, fala dirigida ao Outro, lugar de onde o sujeito recebe o sentido, a significação de seu sintoma, ou seja, "sua própria mensagem de forma invertida" (Lacan, 1998, p. 299). Assim o sintoma seria uma forma inconsciente do sujeito de dar contorno a sua subjetividade, bem como dar sentido a sua história de vida. O caso Dora retrata tais questões à medida que se aproxima de uma tentativa dar sentido a um sofrimento psíquico, calcado no corpo os sintomas psíquicos aderidos de uma cultura patriarcal.

Dora era uma jovem de 17 anos de idade, que foi levada ao consultório de Freud por seu pai, preocupado com sua saúde, logo após encontrar uma carta que expôs uma dificuldade de lidar com vida. Desde a sua infância Dora apresenta uma serie de sintomatologias tais como: enurese noturna, dispnéia, enxaqueca, tosse, afonia, entre outros sintomas. Todos esses sintomas que Dora expressa em seu corpo, advém de identificações e de uma batalha dolorida para torna-se mulher. Assim, a menina Dora

desde cedo produziu sintomas neuróticos no corpo, confirmando a tese freudiana de que na histeria o corpo é um lugar de conflito sexual. Portanto toda a história de Dora se desdobra em uma trama familiar envolvendo determinadas figuras tais como: o pai, a mãe, e o casal de amigos de seus pais. Sr. K e Sra. K. Todas essas figuras contribuíram para a constituição da subjetividade de Dora, uma vez que cada uma das figuras transferiu a Dora um saber sobre ela até então desconhecido. Apesar dessa luta por descobrir-se enquanto mulher, a jovem Dora enfrenta no corpo as marcas psíquicas dos seus desejos e fantasias inconscientes transformadas em sintomatologias que deram contorno a sua construção simbólica do ser mulher. Assim, o objetivo da pesquisa é compreender como a subjetividade feminina contemporânea é construída tomando como analisador a Obra Fragmentos da Análise de um caso de Histeria.

Dora aproxima-se da subjetividade de tantas outras mulheres na contemporaneidade à medida que se constrói pelos laços de amor estabelecido entre as figuras parentais, bem como os aspectos culturais e sociais implicados nessa construção. Levando em consideração tais aspectos a pesquisa utiliza-se dos pontos de encontro e desencontro entre a Dora de Freud e as Doras contemporâneas, onde elas se convergem e se divergem? Qual o ponto nodal que elas se entrelaçam? Dessa forma a pesquisa utiliza-se da seguinte questão: Como a psicanálise compreender a subjetividade feminina com base nos conceitos de corpo, desejo e sintoma? A dissolução de tal questão norteadora encontra-se baseada em uma perspectiva psicanalítica, cabendo ainda ressaltar que marcos histórico, as lutas sociais, os movimentos feministas, as lutas de gênero, os papéis sociais e as novas identidades formadas a partir de tais movimentos dão contorno à subjetividade feminina contemporânea.

De acordo com Neri (2002), a relevância do feminino no psiquismo e na obra freudiana está intimamente ligada à entrada do feminino na cena social. Dessa forma, a mulher ganha um lugar de fala, e desde esse momento, os desejos inconscientes começaram a ter um lugar no corpo. A fala como tentativa de nomear um sofrimento começa a ter um sentido no campo psicanalítico, bem como ganhar um lugar na construção do feminino, assim é sob a sintomatologia histérica que a mulher ousa falar e é ouvida, um grito que lhe escapa, frente às limitações impostas por uma vida marcada pela dominação social e psíquica. Dessa forma, o presente trabalho visa enveredar pelos desejos, corpo, formações sintomáticas na tentativa de ter acesso à compreensão da subjetividade feminina, unindo todas as coisas como diria Jorge Vercilo para ter acesso aos extremos do

ser mulher: Os excessos e as faltas, o amor e ódio, os desejos e o vazio, formando assim os traços subjetivos atrelados ao ser mulher.

O mistério sobre as bases regulatórias do sujeito é percorrido nas silhuetas do corpo de uma mulher, a histeria e a mulher se encontram no caso Dora, nesse sentido, vale ressaltar que a proposta da pesquisa é considerar os aspectos históricos e sociais e psíquicos considerando como a subjetividade feminina contemporânea é constituída considerando a obra *Fragmentos da Análise de um caso de histeria*.

Neste sentido, o Caso Dora afigura-se como elemento basilar para o entendimento almejado, uma vez que foi através de seu traçado que Freud enunciou os primeiros (des)entendimentos do que seria uma das maiores esfinges da psicanálise: a feminilidade e suas vicissitudes. Embora outros estudos nesta vertente tenham sido desenvolvidos por Freud, o caso torna-se particularmente singular por seu desfecho desconcertante, o qual poderia representar a impotência do analista e, mais ainda, a impossibilidade de, como diria Lacan (2008), obturar-se o furo em torno do qual se organiza o sintoma, ou seja, obtura este buraco entre Sujeito e Saber, entre saber e verdade pelo qual o sintoma feminino se organiza.

2 A SUBJETIVIDADE DE DORA

2.1 O enigma da subjetividade feminina: que respostas Dora decifram?

A construção da subjetividade perpassa por uma pluralidade de concepções, sendo marcada por dimensões sociais, filosóficas, psicológicas e psicanalíticas. Em uma tentativa de nomear a subjetividade como lugar de representações e de percalços, a teorização da psicanálise apresenta uma noção polissêmica, entrelaçadas em questões epistemológicas produzindo saberes que se perpetuam ao longo da história.

É na sintomatologia histerica que a psicanálise estrutura suas primeiras formulações, assim, desde sua construção Freud buscou compreender a subjetividade feminina utilizando a mulher como metáfora para a construção do sujeito. Assim, a psicanálise começa a delinear suas primeiras formulações teóricas, tendo como ponto de partida a histeria, onde as mulheres transferiram para o corpo um sofrimento psíquico advindos de desejos inconscientes. Apesar disso, as mulheres também eram atingidas pelo sintoma da época: as limitações impostas por uma sociedade moldada por repressões sociais, morais e psíquicas. Assim como a psicanálise em sua construção perpassa por sinuosas questões, a própria história da histeria surge paralelamente a esta construção. Durante determinado período a histeria representou um grande enigma para a medicina. Diante disso, as dificuldades estavam atreladas a falta de uma causa específica para os sintomas presentes nas pacientes, à medida que não existia um fator neurológico que justificasse tais sintomas, com isso surge um dos grandes questionamentos sobre a histeria: sua causa seria orgânica ou psíquica?

Considerando o ponto de partida, desde a antiguidade até Freud e de Freud até a contemporaneidade, a histeria não pode ser pensada fora da cultura e do momento histórico em que se apresentava. Diante disso, a histeria desde as suas primeiras definições passou por uma série de conceituações, discussões e divergências. Historicamente a clínica da histeria configura-se como elemento essencial para a ascensão da psicanálise, sua história é um processo que atravessa séculos, sendo considerado um grande enigma para medicina como áreas afins que se dedicaram a compreender tal conceito. Epistemologicamente o termo histeria é derivado da palavra grega *Hystera*, mais precisamente matriz, ou seja, o lugar onde se gera ou cria algo, e, de acordo com Silva (1996), a histeria aparece na

história inicialmente como objeto de observação e tratamento das parteiras, as quais eram responsáveis por atender as mulheres acometidas com essa doença.

Em 400 a.C Hipócrates, médico renomado na Grécia Antiga (460-377 a.C) consideravam que a histeria era uma doença orgânica de origem uterina e, portanto, especificamente feminina, que afetava o corpo por abafamento da matriz, acreditando que a histeria estaria relacionando as privações sexuais desbocando no corpo tal privação. Assim, a histeria era considerada um problema da matriz, ou seja, no útero, que sufocava a mulher, sendo o tratamento uma tentativa de encaixar a matriz (útero) em seu devido lugar.

Cabe ressaltar que nessa época não existia o conhecimento da anatomia. Posteriormente, Galeno, médico e filósofo, considerou a histeria como um problema que envolvia dificuldade de circulação dos fluidos, reforçando que a histeria tinha uma origem sexual, aproximando assim a histeria dos saberes da medicina. No entanto, desde Galeno até a idade média pouco se evoluiu com o conceito de histeria, porém foi justamente na Idade Média, onde ocorreram significativas mudanças de crenças e valores, pelo qual o Cristianismo imperava, e a histeria passa a ganhar uma nova reformulação sendo considerada uma possessão do mal, pois as mulheres exibiam manifestações corporais, com poucos sinais orgânicos que justificassem tais comportamentos, tal fato corrobora paraum axioma: As mulheres são histéricas, à medida que historicamente revelaram seu sofrimento em comportamentos socialmente estigmatizados?

No século XVIII Sydenham, médico inglês, classificou a origem da histeria como uma doença mental, com manifestações psíquicas, inclusive a depressão. No entanto os conhecimentos sobre a histeria não se esgotaram, uma nova figura surge na tentativa de aproximar a histeria da medicina. Assim, considerando historicamente os embates sobre a construção da histeria, um dos grandes e renomados teóricos que também arriscou a estudar e a buscar tratamento para a histeria foi o médico francês Charcot, que ocupou umaposição célebre trabalhando em La Salpêtrière, sendo nomeado a professor de anatomia, desenvolvendo seu próprio conceito nosológico de histeria, ao diferenciá-la da epilepsia. Na tentativa de dar lugar a histeria Charcot foi destinado a cuidar de uma ala abandonada e problemática por pacientes que sofriam de epilepsia e que por semelhança de sintomas, porém de origem psíquica, ofereciam o mesmo tratamento às histéricas. Dessa forma, surge uma tentativa inicial de compreender o que existia entre o psíquico e o orgânico.

Charcot introduziu a histeria no meio científico, pois tal doença não era considerada pelos médicos da época; não sendo considerada por dois motivos: o primeiro não se

considerava o fator psíquico ou emocional e o segundo era visto como uma dissimulação, à medida que não existia um fator biológico que explicasse o conjunto de sintomatologia. Assim, a mulher histérica constrói-se na dualidade de saberes, em um primeiro momento o corpo é entregue a dramatização da doença, tais como convulsões, espasmos, contrações entre tantos outros sintomas, e por outro lado, o fator histórico reflete até a contemporaneidade à medida que a mulher histérica é a aquela que se entrega a loucura, para Engel (2006), a loucura das mulheres se refere o tempo toda a suposta “essência” feminina e sua sexualidade, enquanto que a loucura masculina está intimamente relacionada à capacidade que os homens teriam ou não em desempenhar suas funções ou papéis na sociedade. Dessa forma, a mulher historicamente é aprisionada a uma ideia de loucura, sendo considerada pelo seu fator emocional, enquanto os homens historicamente são considerados pela razão.

Charcot na tentativa de cuidar das pacientes histéricas utilizou o método hipnótico, acreditando que existia um caráter fisiológico presente nas manifestações sintomatológicas. Assim, ao utilizar a hipnose na paciente histérica, ele verificou um deslocamento da excitabilidade no sistema nervoso, apresentavam extrema hiperexcitabilidade neuromuscular. Tais fenômenos observados durante a hipnose foram definidos por Charcot como manifestações do grande hipnotismo. Através de uma paciente histérica cuja anestesia da perna fora desfeita quando um médico lhe passou uma ordem para desfazer tal sintoma ao tocá-la com um metal no local. Por acaso descobre que essa ordem e não o metal teve o efeito. Ao aplicar uma injeção na perna da paciente, ela sentiu dor, o que o deixou desconcertado porque imaginava que estaria anestesiada, ou seja, era uma anestesia psíquica e não orgânica. Assim, Charcot passou a se valer da técnica da hipnose como método de tratamento das pacientes histéricas. Com base nesses estudos iniciais, o corpo da paciente histérica passou a ocupar o lugar de agente do discurso, à medida que o corpo entra em cena, ou seja, o sintoma começa a ser evidenciado para que o olhar do médico possa produzir seu saber. Eis o grande duelo entre a medicina e a psicanálise: o discurso do saber do mestre versus o desejo do sujeito para a psicanálise. Frente à relevância dos mistérios enredados nas pacientes histéricas, os médicos da época despertaram-se para compreender a sintomatologia presente nessas pacientes, questionando o método utilizado, e dando novas saídas de tratamento a essas pacientes, entre tais médicos inclui: Joseph Bruer e Sigmund Freud.

Para Quinet (2005, p. 102) “Freud ao procurar responder a pergunta sobre a origem

da histeria, cria um novo saber: A psicanálise”. Assim com base na histeria Freud desenvolveu a psicanálise bem como a maneira de acessar o inconsciente através do discurso das pacientes histéricas que utilizavam o corpo como manifestações de um sofrimento de origem psíquica. Parafraseando Freud (2014) “o pedaço de sorte custou caro”, pois, foi a partir disso que começou a se considerar a existência de uma realidade psíquica.

Com base na experiência clínica da histeria que Freud buscou a veracidade no discurso das pacientes histéricas. Os médicos da época que dedicaram a estudar os sintomas histéricos consideravam que tais manifestações estavam atreladas a simulações, devido a ocorrência difusa, sem uma base orgânica que explicasse tal questão. Freud, sofrendo a influência do método catártico, criado por Joseph Breuer, respeitado clínico judeu, buscou escutar o que estas pacientes tinham a dizer sobre sua doença, deslocando nesse momento o saber do mestre (médico) que imperava para o saber do paciente sobre sua própria enfermidade. Na tentativa de compreender os traumas, os afetos enraizados em tais manifestações o método de Breuer pressupunha a descarga deste afeto através da fala, sendo considerado posteriormente como a ‘Cura pela fala’.

Para Martins e Vorsatz (2018), gradativamente, Freud se afasta das ideias de Breuer, com, e o ponto de separação é, justamente a hipótese freudiana sobre a etiologia sexual das neuroses. No início do tratamento para a histeria, ambos os médicos (Freud e Breuer) buscavam pelas cenas traumáticas, um lastro de realidade com a finalidade de emergirem uma lembrança das pacientes, trazendo tal lembrança através da fala, na tentativa de se libertarem as pacientes de seus sintomas. Assim a descarga emocional do método catártico. Assim as cenas traumáticas seriam momentos específicos geralmente ocorridos na infância carregado de afeto que foi recaiado, assim a sintomatologia histérica estaria associada a um trauma ocorrido na infância, estabelecendo assim uma ligação entre causa e efeito. Dessa forma o trauma vivenciado seria esquecido à medida que a sintomatologia no corpo retratava os resquícios das marcas inconscientes advindas de tais experiências marcadas por afetos.

Um marco histórico na construção da psicanálise é o caso de Bertha Pappenheim, mas conhecido como caso Ana O era uma jovem de 21 anos que foi diagnosticada como histérica pelo médico vienense, Joseph Breuer. A paciente era afetada por uma série de sintomatologia no corpo. O tratamento durou cerca de dois anos e em 1895, Joseph publicou em parceria com Freud os estudos desse caso nomeado de “ Estudos sobre a

Histeria”. Como ponto de partida para buscar compreender o sofrimento psíquico Freud e Josef Breuer em “Estudos sobre a Histeria” lançado em (1893-1895) , afirmam que os fenômenos histéricos são construídos com base em um processo de dissociação da consciência, desencadeado por um trauma (Freud, 2016). Tal evento é marcado por afetos não representados, sendo nomeado de reminiscências, dessa forma o registro traumático é efeito no psiquismo de uma intensidade de afeto que ultrapassa a capacidade do aparelho psíquico de suportar gerando assim um sofrimento no corpo (Rabêlo, 2011).

Para Bocca (2011) a construção de uma metapsicologia do corpo foi possível na medida em que Freud realizou uma leitura e uma interpretação da sexualidade do sujeito com histeria. Nesta construção, em *A etiologia da histeria*, de 1896, surge a hipótese de que a histeria está apoiada na sexualidade infantil, sendo esta patogênica para a formação do sintoma histérico. Freud percorre a teoria da sedução, sustentando, inicialmente, a tese de que a criança realmente havia vivido uma experiência sexual traumática com um adulto sedutor, e que, conseqüentemente, havia reprimido em seu inconsciente. Todavia, posteriormente, avança para a teoria da fantasia, detectando a manifestação de uma defesa atuante na realidade psíquica inconsciente, ativada mediante uma experiência sexual tardia, que remete a uma sexualidade proveniente do próprio corpo da criança de natureza endógena.

Tais questões ganham ênfase a partir do momento que Freud começa definitivamente a ouvir a história de várias mulheres, certificando-se que a explicação para seus sintomas teria origem em um passado, mas precisamente em um trauma inicial, onde cada sintoma estaria relacionado à história de vida da paciente. Então, vai definindo que para a nova forma de tratamento psíquico existia o doente e não só a doença, portanto além das questões biológicas consideradas pela medicina na época, existiam questões de ordem psíquica, onde a histérica convertia para o corpo conflitos de ordem psíquica.

Posteriormente em uma releitura freudiana, o teórico Lacan (1973) postula em seu seminário XI “foram às histéricas que ensinaram a Freud o caminho do inconsciente propriamente freudiano. E aí que faço entrar o desejo da Histérica”. Esse inconsciente retratado por Freud passa a ser fomentado por Lacan como da ordem do simbólico, assim são as palavras, e no limite, fala-se sem absolutamente saber o que se diz, no entanto é por isso que o inconsciente não tem outro corpo senão palavras. Logo a mulher histérica goza com as palavras, utilizando o grito que lhe escapa como forma de dar voz ao seu desejo.

Em *A hora da Estrela*, a autora retrata “ela sabia o que era desejo, embora não

soubesse que sabia, era assim: ficava, mas não de fome, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía” (Lispector, 1998). Assim a mulher em meio aos desejos, encontra no drama, na loucura e na dor uma forma de viver seu desejo, marcada por um inconsciente. Para Lacan (1973), a histérica está implicada numa situação de desejo inconsciente e é isso que o sintoma máscara das dores no corpo simbolicamente encontra uma saída para revelar uma verdade oculta de sua construção subjetiva.

É importante salientar, que ao longo do tempo, o enigma da histeria, estava atrelado à questão da ciência e da religião, assim, as mulheres simulavam no corpo um sintoma físico, que não tinha uma explicação biológica, portanto os estudos da histeria ganham destaque até os dias atuais, a medida que o corpo ainda é depositário de sofrimento psíquico. Os estudos sobre a histeria levaram Freud ao cerne da teoria psicanalítica: o encontro com a sexualidade, assim as questões sexuais estavam associadas às mais diversas neuroses, mas quando Freud afirma que as neuroses têm origem em conflitos sexuais, retratavam que existia uma questão entre o corpo e o componente psíquico.

Cabe considerar que a sexualidade é uma dimensão humana essencial devendo ser compreendida com base em uma globalidade de sentidos. Um dos primeiros teóricos a retratar a sexualidade infantil em suas obras foi Sigmund Freud, segundo a construção teórica dos seus estudos a sexualidade acompanha o sujeito desde o nascimento até a morte. Segundo Neri (2002) a relevância do feminino no psiquismo e na obra freudiana está intimamente relacionada à entrada da mulher na cena social, uma vez que o interesse dos médicos pela histeria se deu quando a mulher saiu dos bastidores, para ocupar um lugar de protagonista de sua própria história como tentativa de dar lugar ao sofrimento queecoava pelo corpo.

A construção subjetiva das mulheres no campo psicanalítico é de grande relevância, pois é com base em uma sintomatologia histérica que a mulher ousa utilizar o corpo como lugar de transferência de afetos e desafetos, através da fala, de um grito que lhe escapa, frente ao refreamento impostos pelas limitações sociais, foi possível anunciar um saber científico, embora inicialmente limitado, mas permitindo dar lugar para ao sofrimento anunciado pelas mulheres, onde antes não existia espaço, a partir disso a mulher na tentativa de eclodir com suas dores utiliza a fala, ou seja, a palavra que lhe escapa das entranhas realizando a “limpeza de Chaminé”. Dar voz aos desejos inconscientes, à medida que as palavras começaram a delinear sua história, permitindo o encontro com suas

angústias ao mesmo tempo em que o sofrimento se reduzia.

Assim a construção da subjetividade feminina para a psicanálise é retratada com base em alguns percalços, inicialmente os desejos eram abafados, gerando uma sintomatologia histérica, ao mesmo tempo em que revelava a singularidade do feminino atrelado a um trauma. Portanto, conhecer o universo feminina é destacar que desde sua construção social e subjetiva, a mulher é marcada e movida pelo desejo, sobretudo pelo desejo de ser amada, buscando um reconhecimento do Outro na tentativa de se construir com base em suas faltas. À medida que a falta perfura o campo do Outro é precisamente aquele de um saber imanente ao corpo vivo. Por esse motivo, tal como assinala Jacques Allain-Miller, Lacan definirá o desejo como “um desejo evanescente, cujo único objeto e única satisfação é ser reconhecido pelo outro”. Sem nenhuma substância, o que o dominaria, o enquadraria, o habitaria, seria o desejo de reconhecimento (Allain-Miller, 1999, p. 40).

Contudo ao abordar sobre a subjetividade feminina é preciso discorrer que na psicanálise a mulher é um sujeito de desejo, pelo qual o inconsciente se apresenta e se revela, seja através de sintomas, seja através de um discurso que ecoa uma verdade velada da feminilidade. Compreender a subjetividade feminina bem como os aspectos que constituem esse conceito, é também enredar por várias teorias que buscaram contribuir para enaltecer a mulher e o feminino, mais precisamente para explicar comportamentos que suas origens advêm também do núcleo familiar e do contexto social pelo qual está inserida.

O mistério entrelaçado no ser mulher é instaurado nos contornos do corpo retratados em: Histeria, feminino, subjetividade, desejos, sexualidade e loucura, fundando os primeiros traços de sua formação. Os casos clássicos retratados pela psicanálise, bem como o caso Anna O, e também posteriormente nos estudos sobre “Fragmentos da análise de um caso de Histeria”, conhecido como Caso Dora são demonstrativos de como a mulher lida com seus desejos inconscientes à medida que se esbarra com a sexualidade, encorpada entre os excessos e faltas, parafraseando a música de Caetano Veloso – Dom de se Iludir –, “Não me venha falar na malícia de toda mulher cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”.

A mulher em sua construção subjetiva metaforizada no ser histórico anuncia a sua construção subjetiva entrelaçada pelo elo de amor e ódio, pelas identificações, e pelos desejos inconscientes, revelando através da fala a “dor e a delícia de ser o que é”. Assim a

psicanálise propõe que o sujeito nunca se desenvolve, ou seja, o sujeito se estrutura ou não há sujeito. Portanto a estrutura subjetiva é irreduzível à lógica do orgânico, do fisiológico, à medida que obedece a outras leis, somos sujeitos falantes, pois é na linguagem segundo Lacan (1985) que o sujeito se estrutura como sujeito de desejo.

A mulher como sujeito de desejo, é um ser faltoso, à medida que Lacan anuncia “somos seres desejanter destinados à incompletude, e é isso que nos faz caminhar” ao anunciar tais questões permite revelar que a mulher em sua caminhada subjetiva se depara com a sua sexualidade, mais precisamente o encontro com um furo, com uma falta que revela uma verdade entrelaçada no corpo e nas linhas que contornam a sua subjetividade. Segundo Neri (2002) a histeria anuncia no corpo a verdade do discurso psicanalítico, um sujeito descentrado, desnaturalizado e inscrito pela intensidade e variedade pulsional, à medida que mulher, ao incorporar a histérica, dar voz ao inconsciente, revelando seu desejo. Assim, a noção de sexualidade feminina vista pelo excesso, falta e pelo enigma compõem os discursos médicos e filosóficos do século XIX, a partir de Lacan em seu seminário 20, intitulado Mais, Ainda (1972/1973) que a ideia da sexualidade começa a se estruturar, sendo desenvolvida e consagrada em toda construção psicanalítica.

Para Lacan (1973) na sexualidade feminina, há uma falha, um furo, nesse sentido afirma que não existe significante que possa traduzir a relação entre os sexos. Do lado homem, há um significante que é o falo, no entanto do lado da mulher não existe nenhum significante que possa nomeá-la, assim, a mulher como ser universal não existe. Na tentativa de fazer uma releitura da obra freudiana, Lacan utiliza do aforismo “A mulher não Existe”, para retratar que no inconsciente não há registro da diferença sexual, nesse sentido a mulher representa a alteridade absoluta para os sujeitos de ambos os sexos. Assim a mulher enquanto sujeito submetida à lógica do falo e da falta não existe um significante que possa traduzir a sua condição, não há significante que marque sua posição, de acordo com a leitura lacaniana da diferença sexual não há complemento para a diferença sexual, não há encontros harmoniosos: não há relação sexual, portanto, a sexualidade seria o encontro com a falta e com os entornos da subjetividade.

Em seu seminário 20, Lacan (1972/1973) retoma que o amor vem fazer suplência para a o furo da relação sexual, assim, o amor permite o acesso ao Outro, uma vez que não há acesso ao Outro sexo, nesse sentido o amor é que permite a entrada do sujeito no mundo com base na relação com o Outro. Na sexualidade feminina, produz-se uma abertura ao Outro através do amor, à medida que a mulher precisa de identificações para construir sua

subjetividade. Partindo de tais princípios surgiram às noções iniciais de subjetividade e de sujeito para a psicanálise, sendo esses dois aspectos complementares e indissociáveis, como cita Cabas (2009) que retrata que a noção de sujeito atravessa a psicanálise em toda sua construção, em alguns momentos como referência implícita, em outros como núcleo da teoria. Dessa maneira tal concepção permitiu uma redefinição do que é a experiência subjetiva.

Salienta-se que compreender as bases da subjetividade feminina é ir de encontro ao inconsciente conceito estudado fielmente por Freud e por teóricos psicanalíticos que se debruçaram a compreender a constituição do sujeito desejante. Dessa maneira um ponto fundamental e inaugural da teoria freudiana é a noção de subjetividade, formulada com base no inconsciente como um sistema psíquico regido por leis próprias retratadas Torezem e Aguiar (2011) como uma instância psíquica marcada por uma maneira particular de operar, regulado por leis diferentes daquelas ordenadoras da consciência, assim o inconsciente se revela nos sonhos, chistes, atos falhos e na sintomatologia apresentada também pelas mulheres consideradas histéricas. Assim, subjetividade e o inconsciente estão entrelaçados, o primeiro como uma instância que traduz a essência do sujeito, sendo uma maneira particular de se construir e se modelar através das experiências do outro, e o segundo como uma forma de revelar uma verdade, um lugar de armazenamento de conteúdos que dão sentido a existência do sujeito.

Levando em consideração as construções psicanalíticas, o sujeito é aquele que se constrói a partir da relação com o Outro, tendo como elemento articulador a linguagem e os desejos parentais enlaçados na trama da experiência subjetiva. De acordo com Lacan (1964, p. 114) o “sujeito se constitui no campo do Outro, imerso na linguagem e nos efeitos das operações da alienação e separação”. Assim, os desejos parentais enlaçados em tais experiências permitem a construção dos primeiros traços de subjetividade. Partindo de tais princípios, o sujeito é inserido em uma experiência subjetiva marcada por significantes, que se perpetuam ao longo da vida.

A criança ao nascer, é um corpo formado por órgãos, um corpo especificamente biológico, no entanto a psicanálise em suas construções teóricas estabelece que para além de um corpo biológico, existe um corpo lógico, ou seja, aquele que é concedido ao Outro para ganhar forma. Embora a criança se desenvolva fisicamente, precisará ser tomada por um Outro que deixe marcas, um Outro que não somente escute o choro e de sentido, mas um Outro que estabeleça uma relação moldada por afetos, e quiçá desafetos. Assim,

embora a criança ainda não estabeleça a linguagem como forma de se comunicar, o Outro saberá comunicar-se a ela com base em um imaginário povoado por aspectos inconscientes. Assim, essa criança é sujeitada ao Outro como forma de existir e se constituir no mundo.

Portanto, o corpo infantil é tomado através de demandas maternas infinitas, uma ligação moldada por desejos, e por assujeitamentos. A criança é tomada em uma posição de objeto de desejo do Outro, estabelecendo com esse outro materno uma identificação. Como cita Lacan (1998), a alienação é própria do sujeito, ele nasce por ação da linguagem. O lugar de Outro que a mãe ocupa neste momento, oferece significantes, através da fala; o sujeito se submete a um dentre os vários significantes que lhe são oferecidos pela mãe. O seu ser não pode ser totalmente coberto pelo sentido dado pelo Outro: há sempre uma perda. Com base na incorporação desses significantes, a criança se sujeita ao outro como forma de construir, como refere Laurent (1997, p. 43) “a alienação é o fato de que o sujeito, não tendo identidade, tenha de identificar-se a algo”.

No entanto, após o processo de alienação, a criança necessita experienciar o processo de separação, para que isso ocorra é necessário que ela possa se desprender-se desse assujeitamento para então se construir a partir do seu desejo. É a separação que torna o sujeito desejante, desejante porque ao se separar do Outro sua falta é evidenciada, e é a falta que move o sujeito em direção à realização do seu desejo (Lacan, 1964). Nesse ponto o sujeito é lançado ao vazio, a uma falta, um resto, para que então possa ir de encontro a sua subjetividade carregando traços e identificação de figuras importantes ao longo de sua construção. Contudo o sujeito para a psicanálise refere-se a um sujeito do inconsciente, só existe sujeito se existir uma falta, nesse sentido, o sujeito em psicanálise é aquele que se constrói entrelaçado aos desejos inconscientes de um Outro, para então, descobrir os seus próprios desejos.

A noção de sujeito é moldada a partir da subjetividade, assim de acordo com González-Rey (2003), a subjetividade é um sistema complexo e plurideterminado, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem, dentro do contínuo movimento das redes de relação que caracterizam o desenvolvimento social. Neste movimento, produzem-se saberes acerca dos processos psíquicos, sistêmicos, dialógicos e dialéticos que reconhecem o ser humano como um indivíduo que, tem uma capacidade de superar o imediato, dirigindo-se a realização de seus próprios desejos. A noção de subjetividade supõe a capacidade de mediatizar e de projetar-se num futuro através de um

ideal, ou seja, um ser criativo, senhor do seu destino e com a possibilidade de se inventar.

Visto que a subjetividade é esse emaranhado de concepções, e que o inconsciente é elemento articulador para a construção desse fenômeno, salienta-se que é na sintomatologia histérica que a mulher encontra espaço para ser escutada em seu sofrimento, um grito que lhe escapa das entranhas, diante das limitações imposta por uma vida dominada pela repressão social e psíquica. Frente a isso, a constituição da subjetividade feminina é um fenômeno em acompanhar as mudanças sociais e culturais imposta em cada realidade. Apesar disso, a construção da mulher enquanto sujeito de desejo surge segundo Birman (1999) através de um jogo posicional com o masculino, onde as diferenças sexuais se estabelecem pelo operador fálico traçando o destino dessa construção. Esse é o paradigma que guia boa parte das construções teóricas sobre o dito *Outro sexo* e é o eixo de algumas das suas modalidades de configuração até hoje. Metaforicamente o pensamento psicanalítico ocorre como um movimento pendular, em um momento avança, rompendo com o naturalismo dos sexos, em outro retrocede, ao atualizar imagens parciais e preconcebidas no percurso da menina em busca do tornar-se mulher.

Dessa maneira Freud depara-se com a formação da sexualidade feminina através das representações simbólicas infantis expressas no sintoma histérico, buscando dessa maneira compreender o que as mulheres tinham a revelar através de sua fala. Esse fenômeno foi o ponto fundamental para elucidar distúrbios de ordem psíquica. O discurso da mulher histérica permitiu esbarrar em um saber feminino aproximando a mulher de suas verdades e de sua subjetividade. Essa fala ecoava não somente um sofrimento, mas uma forma de revelar desejos inconscientes. A esfinge da subjetividade feminina é percorrida também pelas marcas no corpo, bem como na estruturação da sexualidade. A mulher e a histeria são lados de uma moeda que se complementam, e que se unificam, de um lado a mulher externaliza o sofrimento psíquico e do outro o corpo é utilizado como objeto de transferência desse sofrimento. Freud (2006) desenvolveu a teoria da sexualidade infantil, baseado em suas experiências clínicas em seu consultório, nos quais observou que a sexualidade está atrelada a construção da subjetividade do sujeito, no entanto retrata a dificuldade em definir a sexualidade:

[...] Falando sério, não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de sexualidade. Talvez a única definição acertada fosse tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos". [...] Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter

prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. [...] Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo (Freud, 2006, p. 309).

A infância é o marco para a construção subjetiva do sujeito, todas as experiências vivenciadas nesse período estão povoadas por afetos e desafetos, e a forma como o sujeito lidar com as fantasias advindas desse período poderá estruturar as chamadas neuroses, ou, mais precisamente o que Freud nomeia como estrutura da personalidade. O complexo de Édipo é considerado a matriz para a compreensão das estruturas do sujeito, tendo como base a teoria freudiana, o Édipo é considerado o núcleo das neuroses, ponto crítico para a constituição do sujeito, ou seja, a forma como o sujeito se posiciona frente à angústia de castração. A noção do complexo Edipiano formulado por Sigmund Freud está enredada na época em que a família nuclear burguesa tinha suas funcionalidades, concebida em modos tradicionais, no entanto a contemporaneidade vem apresentando uma nova funcionalidade de família, e consequentemente o Complexo de Édipo vem ganhando novos sentidos. Os teóricos Deleuze e Guattari (1972) tecem ideias sobre o Anti-Édipo se propondo a explorar novos caminhos para o inconsciente e o desejo. No lugar do modelo neurótico, os autores propõem o modelo esquizofrênico, como aquele que resiste ao Édipo. Os autores Deleuze e Guattari (1972) retratam o Édipo como forma de estruturação do sujeito, como doença inoculada na criança, como ilusão e canalização do desejo, Édipo existe, mas é uma criança, e este é o problema.

Assim o desejo é revolucionário, todo desejo é uma produção do real e transborda para fora do sujeito transformando a realidade. Para a psicanálise, pode-se dizer que já sempre desejos demais. Para nós, ao contrário, nunca há desejos o bastante, (Deleuze; Guattari, 2010). Assim pode-se afirmar que a produção desejante no sujeito ameaça as estruturas da sociedade, então o modelo capitalista impede o desejo de fugir, ele seapropria do desejo, assim nas ideias dos autores supracitados com o Édipo haveria o esmagamento do desejo. O inconsciente maquínico e as máquinas desejantes são os modelos originais do Édipo. Dessa forma é possível compreender que a psicanálise desde os primórdios até a contemporaneidade é enredada por uma complexa cadeia de ideias sobre o desejo, bem como as formas construtivas do sujeito. Nesse sentido, as construções teóricas acompanham as mudanças sociais, refletindo assim um pensamento crítico que se complementa reformulando um enredo de novos pensamentos e possibilitando um novo

saber no campo do feminino.

A construção subjetiva no campo feminino levanta importantes e consistentes questionamentos, desde a construção da psicanálise até a prática clínica, permitindo compreender como a subjetividade está atrelada às dimensões psicológicas, sociais e morais. Partindo de tais princípios a obra “Fragmentos da Análise de Histeria”, conhecido como caso Dora retrata o feminino como laço social, e como um processo de identificações, que permite a mulher entrelaçar-se em um Outro, para servir-lhe como matriz para a construção de sua subjetividade, além disso retrata os percalços percorridos no tratamento da histeria. O representante da histeria é o corpo como expressão de sofrimento, nesse sentido é no corpo que a paciente Dora expressa suas identificações, em um doloroso percurso para tornar-se mulher.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro (Beauvoir, 2009. =p. 38)

Em seu segundo volume do livro “Segundo Sexo”, publicado em 1949, Simone de Beauvoir retrata que a mulher é um ser em construção, assim não existe uma essência feminina e um destino limitado a ser seguido por ser mulher, mas sim caminhos que possibilitam chegar no encontro com feminilidade e as provocações advindas desse processo de torna-se mulher. Assim, a mulher se constituiu durante o processo de socialização evocando as possibilidades da dor e do prazer em tornar-se mulher. Freud (1933) em sua conferência sobre “A feminilidade” ressalta: “corresponde à singularidade da psicanálise não querer descrever o que a mulher é- isto seria para ela uma tarefa quase impossível de resolver - mas sim, pesquisar como ela se torna mulher” (p. 318). Diante disso, é possível deslocar que a mulher em sua construção se esbarra com as mudanças impostas socialmente e que para além de sua construção singular as implicações sociais interferem em sua construção.

Os movimentos feministas e a psicanálise introduzem discursos que se articulam, construindo pensamentos em vias que se complementam e se divergem, no entanto, ambos provocam questões relevantes para a construção do feminino. O primeiro surge no fim do século XVII, tendo como influência a Revolução Francesa. A chamada primeira onda do feminismo aconteceu quando as mulheres se organizaram para lutar por seus direitos, sendo o primeiro deles: o direito ao voto. As Sufragistas, como ficaram conhecidas,

promoveram manifestações em Londres, sendo presas por várias vezes, fizeram greve de fome na tentativa de serem ouvidas. Movimento este simbólico, as mulheres não estavam desejando morrer de fome, mas que seus desejos fossem reconhecidos socialmente. A partir de 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, onde acabou morrendo, para então ser concedido o direito ao voto em 1918 no Reino Unido.

Levando em considerações esses dois aspectos intimamente entrelaçados marcando o encontro e desencontros em linhas teóricas o Feminismo e a Psicanálise refletem dimensões sobre a construção e evolução da sexualidade feminina. A psicanálise resgata à reflexão feminista evidenciando duas principais questões: Elaborar teoricamente o fenômeno da sexualidade e um segundo ponto investigar como as dimensões sociais, políticas e econômicas influenciam a construção subjetiva da mulher.

O movimento feminista e a psicanálise se encontram quando: as mulheres buscam validar seus desejos, e por outro lado Freud na tentativa de compreender o sofrimento das histéricas permite um lugar aos desejos inconscientes dessas mulheres. No entanto, a psicanálise como um conhecimento que se arquitetou ao longo do tempo, estruturou-se na consideração das diferenças sexuais que transformam as crianças, a partir de sua bissexualidade psíquica inicial, ou seja, entre a diferença masculina e feminina. Freud elaborou um saber sobre o inconsciente que descreve o sujeito filosófico e isso teve consequências formidáveis para as teorias feministas. Na tentativa de reafirmar a feminilidade, as mulheres buscaram nos movimentos feministas um modo de evidenciar seus desejos, através da militância, traçando críticas a atual condição social imposta.

Com base na construção psicanalítica Freud construiu um novo lugar para as pacientes histéricas, desenvolvendo um importante papel na clínica, utilizando a associação livre como forma de tratamento das pacientes histéricas. Inicialmente denominou a histérica como psicose de conversão, à medida que o corpo era utilizado como manifestações de conflitos psíquicos. Assim, na contemporaneidade, o corpo ainda é utilizado como lugar de transferência de conflitos ganhando assim a terminologia de doenças psicossomáticas.

Entretanto, na contemporaneidade, o movimento feminista também utiliza simbolicamente o corpo como bandeira política tomando uma experiência singular “meu corpo, minhas regras”. De acordo com Regina Neri (2005), a modernidade operou deslocamentos das representações tidas como universais para o campo da história,

colocando ao pensamento a tarefa de problematizar a questão da alteridade e da diferença dos sexos. Para a autora, é a primeira vez que um discurso científico se opõe à racionalidade filosófica e se inaugura, sob a égide do feminino, numa dupla perspectiva: de um lado, é enunciado a partir da fala das mulheres (históricas tratadas por Freud), do outro, constitui o feminino como interrogação fundante do seu aparelho psíquico: “A histeria subverte a ordem da razão com um corpo encarnado”.

Diante dos movimentos realizados na tentativa de afirmar uma identidade feminina, as mulheres consideradas históricas anteriormente estavam entre o falo e o sujeito, mais precisamente entre a questão da identidade sexuada, utilizando a figura masculina como parâmetro para a construção do feminino. A psicanálise, por sua vez, pelas vias Lacanianas instaura a mulher a partir do gozo Outro, gozo feminino e não todo fálico. “O gozo Outro é, assim, o que mais nos aproxima da possibilidade da constituição de uma inscrição singular da enunciação que sendo sexuada dispensa o recurso às identidades sexuais.” (Poli, 2007, p. 58).

Nesse sentido o que entra em jogo é a descolagem das máscaras identitárias que estabelecem no jogo erótico o lugar de objeto para as mulheres e de sujeito de desejo para os homens. Assim o Lacan retrata em seus seminários a relação da mulher com o seu gozo, o que será diferente dos homens. Para a mulher, por estar não-toda na função fálica, tem acesso a um outro gozo, que é o chamado gozo do Outro, assim por ser fora-da-linguagem, o gozo do Outro permanece na ordem do indizível, dando à feminilidade um ar de mistério, frequentemente incompreensível para os homens, que tentam apreendê-la do ponto de vista masculino, ou seja, da posição do todo fálico. Portanto ao tentar descrever a feminilidade, é traçar um caminho singular, ao mesmo tempo em que não existe uma fórmula universal que define o ser mulher, parafraseando Lacan, a mulher não existe, à medida que não exista um significante específico que venha a defini-la como tal, mas sim um significante que permuta entre o social, psíquico e político pelas vias das transformações, escoando entre os muitos sentidos do ser mulher.

Na tentativa de simbolizar os desejos, as mulheres deparam-se com o campo do amor sendo este seu maior desafio subjetivo, consistindo em assumir de modo permanente e singular a tarefa de construir seus laços de parcerias a partir do seu modo próprio de amar (Guimarães, 2015). A fórmula proposta por Lacan (1981) é que a “Mulher não existe”, pois não existe um semblante universal que venha a suprir o lugar vazio. Nisso o amor surge como função de suplência expressada na inexistência da relação sexual. André

(2011) relata que existe uma função mascarada que surge como movimento espontâneo fazendo construir uma suplência para a identidade feminina que não existe. Portanto, o narcisismo do desejo feminino, que aspira a uma identidade na parceria amorosa, se atrela ao narcisismo do Eu, formando um semblante para a feminilidade.

A mulher em si é uma construção que se apresenta também a partir de outro lugar, que remete ao real, ao não reconhecível. Aqui surge a inconsistência do narcisismo da mulher: desejada e amada por aquilo que não é. O narcisismo aparece de modo tão escancarado que as mulheres desejam ser acima de todas: a melhor, o sonho mais elevado. Segundo Guimarães (2015) ser única diante do desejo masculino, como uma condição necessária para sustentar uma posição desejante na parceria. A mulher, para ser amada pelo homem, deve ocupar o lugar de objeto por causa de desejo, não objeto no sentido próprio da palavra. Elas devem se fazer desejar, ocupando na relação o lugar de ser desejante. Ocupar esse lugar gera conflito, à medida que ao se tornar sujeito desejante a mulher se depara com o registro fálico. Ao relacionar a mulher com o amor e o desejo da histórica, existe um ponto em comum que se interliga: a insatisfação. Em síntese, diante dessa insatisfação a mulher busca no amor sempre algo que venha servir de suplemento.

Com base em uma especificidade da constituição do sujeito feminino, a psicanálise surge na tentativa de desvendar os mistérios da clínica da histeria permeando um novo saber feminino, o caso Dora permite então reconhecer a importância das relações parentais, a transferência como parte do tratamento, e o corpo como parte simbólica para ecoar um sofrimento psíquico. O conflito edipiano, como construção da feminilidade e a decepção fálica como catástrofe, tais questões é de fundamental importância para reconhecer os conflitos advindos do processo de tornar-se mulher.

Referenciando o Caso Dora como parâmetro para a compreensão da subjetividade, entre questões tais como o processo de feminilidade, identificações e transferência em uma tentativa de nomear e construir o processo de torna-se mulher. A Jovem Dora, nascida em Viena, aos 18 anos, foi encaminhada à Freud por seu pai. Oriunda de uma família da burguesia judia, composta por seu pai, mãe e um irmão, apesar dessas duas outras figuras representativas da família, Dora era próxima ao pai. Desde sua infância Dora foi acometida por uma série de sintomas histéricos entre eles: Enurese noturna, dispneia, enxaqueca, tosse, afonia entre outros vários sintomas. Dora desde a sua infância utilizou o corpo como forma de ecoar um sofrimento, típico da histeria, onde o corpo é lugar de conflitos, assim seus sintomas estavam atrelados a uma forte identificação com a figura paterna.

Dora expressa no corpo suas dolorosas identificações no caminho para tornar-se mulher. Os sintomas corporais se produzem na infância, tendo uma forte ligação com os sintomas paternos, por assim trilhar o caminho da dor, o corpo como metáfora para o sofrimento, o caso Dora é uma fonte inesgotável de investigações, à medida que na contemporaneidade o corpo ainda é utilizado como lugar de sofrimento, cada dor simbolicamente expressando algo subjetivo.

Na clínica psicanalítica, o corpo sempre teve um lugar privilegiado, estando associado ao desejo e ao inconsciente. Com base nesses processos que o corpo é expressão de desejos recalcados se materializando principalmente através de sintomas que gritam no corpo. Assim, embora Freud tenha utilizado a Associação Livre como forma de tratamento das histéricas, onde a fala é a principal forma de simbolizar conflitos inconscientes, nesse sentido pode-se afirmar a histeria fala com o corpo.

Dora em seu percurso para tornar-se mulher, defronta-se com uma série de conflitos, assim a fase edipiana revela que a relação com a figura materna é marcada por uma rivalidade inconsciente, à medida que para construir sua identidade precisará identificações despertando assim o amor e ódio marcado nessas relações. A construção psicanalítica propõe que a explicação para tais identificações advém do chamado complexo de Édipo, para Laplanche e Pontalis (1992) é caracterizado:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como a história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia. (p. 77)

Para tanto, ao buscar entender a constituição da subjetividade feminina se faz necessário retomar ao período de infância, onde Freud (1996) afirma que os efeitos das primeiras experiências se tornam a força motivadora que leva o sujeito a definir sua estrutura. Assim, o Complexo de Édipo surge na tentativa de compreender os entraves advindos desse período. Desse modo é possível destacar que o Complexo de Édipo traduz sua importância como um fenômeno central do período sexual da primeira infância, na

qual os pais são tidos como figuras representativas da criança. Nele o que está em jogo é o corpo, fantasias e desejos, uma vez que o Complexo é tido como fundamental na estruturação do sujeito anunciando ao mesmo tempo a presença irreduzível do outro nesta constituição.

A palavra Complexo em latim deriva de *Complexo* que significa entrelaçado. Este conceito se correlaciona com o próprio desenvolvimento e constituição da Psicanálise, uma vez que está ligada ao conceito de identificação, onde a criança se liga ao laço de amor dos pais para neles buscar uma identificação. Remetendo ao Caso Dora, a jovem encontra-se entrelaçada ao sintoma paterno, ou seja, a figura paterna é tida como objeto de amor e de identificações como tentativa de se construir enquanto sujeito de desejos.

É possível afirmar que Serge André (2011) destaca dois pontos essenciais para a compreensão da identidade feminina. O primeiro diz respeito ao complexo de masculinidade, que indicará a fixação ao pai sendo suscetível de se desfazer, levando aos múltiplos problemas que a mulher encontra em sua vida sexual, quando passa da fixação ao pai para o amor aos outros homens, problemas que se verá a cada passo ressurgir a fixação primitiva na mãe. O segundo ponto diz respeito à identificação à mãe fálica. Para a Psicanálise a identificação é conhecida como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa pelo qual desempenha um papel na história do Complexo de Édipo. Portanto a identificação modela o ego do sujeito e Freud destaca (1996b) que a identificação se faz presente na estrutura de um sintoma neurótico, podendo provir do Complexo de Édipo. Isso significa dizer que a menina desenvolve um desejo hostil em querer tomar o lugar da mãe, e o sintoma expressa seu amor objetual pelo pai, ocasionado um sentimento de culpa, de seu desejo em assumir o lugar da mãe.

Lacan (2003a) retorna à identificação a partir do traço unitário, marca primordial da constituição do sujeito. Em seu seminário sobre A Identificação, esse teórico afirma que todo significante é construído pelo traço, isto é, o traço existe como suporte, embora a identificação ao traço aponte para uma falta. Nesse sentido, o lugar das identificações onde o sujeito se relaciona se dá a partir de uma falta. O traço unitário surge no lugar do apagamento do objeto, marcando a divisão do sujeito pela linguagem, onde algo, que diz respeito ao objeto, se perde, o traço unitário, é, portanto, significante não de uma presença, mas sim, de uma ausência desaparecida. Tal teórico aproxima a função desse traço ao que Freud chama de narcisismo, afirmando que é com base em uma pequena diferença que o sujeito se constitui como portador ou não deste traço unitário.

Contudo, a identificação constitui a forma mais primitiva e original de laço emocional, sendo esse um laço que pode amarrar o processo de desenvolvimento do ego, isso acontece sob as condições em que os sintomas são construídos, frequentemente onde há repressão. Porquanto a escolha do objeto retroaja para a identificação, onde o ego assume as características do objeto. As descobertas de Freud (1996b) no que diz respeito à construção do feminino possui um caráter inacabado tornando assim um campo fértil para novas formulações e contribuições. Assim o caso Dora abre possibilidades de explorar questões relativas ao desejo, às identificações e à feminilidade. No texto *Intervenções sobre a Transferência* (1951) Lacan propõe que não foi o pai o objeto de seus ciúmes, como Freud havia inicialmente proposto, mas sim a Sra. K. O que entra em jogo no caso Dora não são as identificações, mas sim o problema da falta de identidade, A jovem nada pode dizer sobre ela o que ela é, o corpo é quem fala, a histeria é peça chave desse jogo. Portanto, as relações marcadas entre as figuras presentes em jogo, evidencia a Dora a dúvida de quem é ela no jogo das relações de amor e ódio.

Freud, ao buscar compreender o desejo de Dora, aponta o Sr. K como o verdadeiro objeto de desejo em substituição à identificação histérica. Assim, para Freud a histérica é um ponto enigmático em construção, à medida que a mulher histérica se coloca na posição de insatisfação. No entanto, Lacan propõe “o que Dora Deseja?” Tal questionamento abre possibilidades e caminhos, à medida que Dora situa a descoberta de sua identidade e a identificação de um feminino da Sra. K. Nesse ponto, Lacan afirma que o problema para toda mulher é se aceitar como objeto de desejo do homem. E por esta razão a Sra. K se torna o mistério da feminilidade para Dora. Assim, como ela não pode se aceitar como objeto de desejo, ela precisa da Sra. K para sustentar esta posição e para reconhecer sua própria feminilidade.

Portanto o caso Dora se torna relevante à medida que interroga o que é a mulher? Assim, Dora precisou interrogar a si mesma, na tentativa de simbolizar o órgão feminino, bem como buscar nas identificações seja com o homem ou mulher uma tentativa de se constituir. Para Lacan (1955, p. 204) refere que uma vez que a mulher é introduzida na histeria, se faz necessário dizer que sua posição apresenta uma estabilidade particular em virtude de sua simplicidade estrutural “quanto mais simples uma estrutura, menos haverá nela pontos de ruptura. Quando sua questão adquire forma sob o aspecto de histeria, é fácil para a mulher colocá-la pela via curta, a saber: a da identificação com o pai.”. Dora como histérica ama por procuração, ama por procuração cujo objeto é homossexual:

a histeria aborda este objeto por identificação com alguém de outro sexo.

Kallfelz (2015) afirma que Dora é uma histérica que chegou à crise edipiana, à medida que não pode ultrapassá-la, sendo a razão central para isso a carência fálica do pai, que atravessa todo o caso. Lacan afirma que Dora teve uma saída exemplar: não recebe do pai simbolicamente o dom virial, mas mantém uma série de sintomas histéricos, ligados a manifestação de amor por este pai, sendo fiel a ele através do corpo. O pai que na ocasião aparece como doente, ferido, e afetado em sua própria condição viril. Assim o amor que Dora tem por seu pai é relativo e proporcional ao seu desprezo. Dora ama seu pai justamente por aquilo que ele não dá. Então, quando o pai introduz a Sara.K, Dora vai se colocar entre ambos, O pai Ama a Sra. K, mais além de Dora. Eis aqui o ponto nodal da questão de Dora: O que a Sra K tem para ser amada além dela mesma?

Como toda mulher, Dora busca no pai o significante de sua falta. Seu pai impotente, o que não pode dar, é a amarração da estrutura edipiana. Onipotente no real facilita sua castração imaginária e permanece incapaz de dar a Dora a completude, instaurando a falta. Portanto, Dora só é salva pela mulher quando acredita que a Sra. K é aquela que sabe o que é processo para o gozo do homem. Dora, portanto, gozou como seu corpo, à medida que o amor e as identificações foram pontos essenciais para sua construção. Dora se identificou com a mulher por um desejo insatisfeito. Eis a questão dasmulheres histéricas: A construção se dá pela via da insatisfação ou pela via da suposta completude?

O caso Dora, se torna contemporâneo à medida que toca em questões que reverberam na sociedade atual: Quais identificações a mulher está buscando para se constituir? O corpo como lugar de uma sintomatologia singular, expressa um sofrimento advindos de desejos inconscientes, sendo este um ponto crucial para compreensão da histeria. Contudo, a mulher frente a sua subjetividade é uma construção interminável à medida que está entrelaçada em questões sociais, culturais e singulares que permitem a construção de novos saberes.

3 O CORPO REVELA-DOR DAS MARCAS SUBJETIVAS

3.1 Amor, desejo e identificações: O caminho de Dora na Construção da dualidade subjetiva.

Retratar sobre a Obra Fragmentos da Análise de um caso de Histeria é mergulhar na subjetividade feminina e os percalços entrelaçados nessa construção. Assim, o caso Dora reúne os conceitos fundamentais da psicanálise, tais como: Histeria, subjetividade, identificações, sexualidade, amor e desejo como uma construção simbólica do feminino.

Sabe-se que buscar compreender a subjetividade feminina com base no Caso Dora é reconhecer as mudanças ocorridas desde a época de Freud até a contemporaneidade. Assim, a subjetividade feminina contemporânea é marcada por impasses, percalços e uma série de mudanças. O contexto em que Dora vivenciou suas experiências era uma época patriarcal, onde o corpo era afetado pelas limitações impostas por essa cultura. Assim, os desejos precisavam estar alinhados a uma sociedade marcada pela imposição e soberania do masculino. Diante disso, o caso Dora escancara a dualidade do desejo feminino e das limitações até então da psicanálise. É fato que desde a invenção da psicanálise, houve muitas mudanças, tais como: o avanço tecnológico, os costumes, os arranjos familiares e tipos de relacionamentos. Apesar disso, entre todas essas mudanças, o que prevalece é a tentativa de fazer laços de amor, ou seja, a forma de se relacionar permite uma busca inconsciente de repetir uma dependência que faz parte da constituição subjetiva. Assim os laços de amor são permeados por desejos que dão sentido à existência subjetiva. Para Teperman (1999) o sujeito ao nascer, situa-se no intervalo entre dois significantes: o desejado pai e o sujeito do desejo, sendo assim permeado pelo elo de amor que circulam em tais relações.

O amor e o desejo permeiam caminhos que se encontram e se divergem, é sobre tal questão que Dora faz o encontro com a dualidade subjetiva. Em uma tentativa de nomear seus desejos estabelece seus laços de amor entre o homem e a mulher. Dessa forma Dora deixa uma grande questão: Por onde permeia o amor e desejo de Dora?

Para amar, assim como para desejar, se faz necessário o encontro com a falta. Assim ao relatar sobre Dora, entre o amor e desejo, é necessário que se reconheça que a subjetividade feminina é marcada pela falta, ou mais precisamente o ponto enigmático do desejo: o desejo se reedita, não somente como falta, mas como encontros e descobertas.

Assim, sobre o desejo, Dora permite o encontro dual, entre a trama familiar e o contexto de laços estabelecidos, Dora serve-se do seu desejo para descobrir possibilidades de amar, de estabelecer laços e de se construir enquanto sujeito movido pelo amor e pelos desejos.

O Caso Dora foi um marco para a compreensão do desejo histórico, assim também como para desvelar os entres e limitações de Freud, ou mais precisamente da psicanálise em reconhecer a dualidade do desejo histórico. Essa dualidade contempla-se entre: o desejo de Dora e o contexto social para a construção subjetiva. A psicanálise na contemporaneidade permanece viva a partir de um desejo sendo reformulado pelas mudanças sociais, históricas e culturais. Como tentativa de compreender a histeria, Dora nos convida a pensar no amor, nos desejos e nos possíveis conflitos para se constituir, permitindo reflexões sobre a sociedade, a cultura, as mudanças históricas e os elos estabelecidos com as figuras parentais. Dessa forma a história de Dora é pautada nos laços de amor estabelecidos entre as figuras que compõe sua trama de vida, entre tais figuras inclui -se: o Pai. Philippes e a Mãe Katharina, além dessas duas figuras o casal de amigo dos pais, o Sr. K e Sra. Ka são figuras importantes para a construção da subjetividade de Dora. Frente a isso, a dualidade permeia o caminho de Dora, possibilitando descobertas sobre sua sexualidade e sobre seus desejos baseada nas relações com tais figuras.

A construção subjetiva de Dora permeia o universo das relações estabelecidas com o seus pais. Segundo Ferreira e Motta (2014) Dora tinha muita ternura e admiração pelo pai, já sua relação com a mãe era conflituosa e hostil. Sabe-se que a função materna é fundamental para a constituição da subjetividade feminina, a medida que a mãe é o primeiro objeto de amor de uma criança. Kupfer (2000) ressalta que a posição materna é impulsionada por um desejo, dessa forma por meio da linguagem, do olhar, do toque, ela investe libidinalmente no corpo do filho, passando assim a ser um corpo marcado pelos significantes. Lacan (2005) afirmar que toda relação a dois, é sempre mais ou menos marcado pelo estilo imaginário, sendo assim mediada por um terceiro, mas precisamente o Pai, entrará em cena para marcar a construção subjetiva.

Dora em sua construção subjetiva é marcada por um afastamento da figura materna, estabelecida por uma relação conflituosa, permeada por desejos inconscientes que marca significativamente a formação da feminilidade. De acordo com Lacan (1969/2003), existe uma responsabilidade relacionada com a função materna que seria a transmissão de um desejo ao bebê, que não se configure como anônimo, ou seja, que estabeleça um desejo e

uma significação pela existência da criança. Dessa forma, o filho ocupa um lugar na relação, necessitando de um laço que se apresente pelo olhar, pelo desejo da mãe, sendo aspectos fundamentais para a subjetivação. Apesar disso, o desejo da mãe aparece sem nomeação, não conseguindo dar nome ao lugar que a criança ocupa para a mãe. No entanto a mãe é o primeiro objeto de amor que permite a criança uma troca com mundo externo, renascendo na criança a existência de um desejo levando a experimentação da posição de separação. Essa relação é movida também por um terceiro: o pai e sua função mediadora, permitindo que a criança se localize separada da mãe, mas ao mesmo tempo apontando uma função fálica, permitindo a criança descobrir o seu próprio desejo diante de si e do mundo.

Na discussão apresentada por Lacan (1964/1998) no Seminário XI “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” retrata que existem duas operações lógicas de causalidade psíquica sendo elas a alienação e a separação. A primeira é o investimento da mãe em relação a criança. A segunda, é o encontro com a falta do Outro. Para Dor (1992), só é possível que exista uma relação fusional com a mãe à medida que não exista nenhum elemento terceiro para mediatizar a identificação fálica da criança com a figura materna. A psicanálise freudiana retrata que o complexo de Édipo deve operar como uma função normativa, ou seja, a mãe tem uma função, precisamente uma função fálica, e o pai encontra-se como fundamental para estabelecer essa separação da mãe com a criança.

Em síntese, a psicanálise ortodoxa, ou especificamente de orientação freudiana e lacaniana, estabelece que o ser humano é um ser produzido por faltas. A criança que se encontra no seio familiar é marcada por significantes. Um exemplo disso é o próprio nome, que tem a função de identifica-la, o nome é o desejo dos pais que sobressai nela, identificando assim que os pais transmitem aos seus filhos. No entanto a falta será primordial para que a criança descubra sua subjetividade e explore suas particularidades, desarticuladas do pai e da mãe, fazendo existir o seu próprio desejo.

Gomes (2009) referencia Winnicott (1969) destacando que para além da situação Edípica estudada por Freud existem outros elementos fundamentais para a constituição da subjetividade, no lugar do sujeito com constituição biológico-dinâmico-mental, a criança tem como única herança o processo de amadurecimento. Assim o ser humano saudável é emocionalmente maduro tendo em vista sua idade no momento e a maturidade o envolve em uma relação de responsabilidade para com o ambiente. Mas, se no início o bebê saudável vive independente do pai, por sua vez, é absolutamente necessário para o proteger

da mãe, que aceita o alto grau de dependência do filho como natural (Winnicott, 1990)

Para Levin (2007) o amor materno convoca a criança a um lugar que permite ela se desenvolver. O desejo, apesar de aparecer sem nomeação, será entrelaçado ao amor, que vem fazer suplência para a existência subjetiva. O lugar sem nomeação se apresenta pelo desejo materno. Assim Dora buscara sentido ao seu desejo, fora desse laço materno, separando-se da mãe para se reencontrar com o amor e ao apego ao pai. Assim, a dualidade de Dora se apresenta pelo desejo pela mulher, mascarada por conflitos e o amor pelo pai baseada em uma relação de cuidado e parceria.

Dora em sua construção subjetiva vai à busca do amor e reconhecimento por sua mãe. “Uma mulher que recusava a dimensão sexual do seu desejo e não sabia se fazer desejar pelo pai” (Kehl, 2007, p.252). Diante disso, o caminho da subjetividade feminina é um caminho sinuoso e incerto, mas pautado de possibilidades e descobertas, é o encontro com o não saber sobre a dimensão do Outro. A mãe de Dora, por não saber despertar esse desejo, vivência um vazio transferido pela limpeza da casa, ou seja, a tentativa de limpar a alma, sendo fiel a uma cultura dominante, a mulher fiel à limpeza de si, transferida pelo simbolismo de um lar.

Freud em seus textos distingue duas escolhas do objeto amoroso: anaclítica e a narcisista. A primeira tem como referencia os cuidados maternos e paternos, o segundo o sujeito ama aquele que cuida dele e protege. A escolha narcisista envolve a própria imagem, assim o sujeito ama a si próprio e busca a si mesmo no objeto amoroso. Dora, busca no amor o encontro com si, com a imagem idealizada do amor que acolhe e protege, que cuida e descuida, que abandona e que acolhe e que estabelece a dualista relação de encontro com si e de amor fálico de um pai. Assim, as escolhas do objeto amoroso tem como base a existência do narcisismo primário.

Sobre a construção da subjetividade feminina, a escolha do objeto de amor é narcísica, na medida em que ao escolher esse objeto as mulheres revelam que não estão em busca de amar, mas sim de serem amadas e de despertar o desejo do Outro como uma tentativa de reconhecer seu próprio desejo, portanto, todo investimento no amor é um retorno de si. Lacan (1953/1986) em seu Seminário 1, referencia o amor como paixão imaginária, a medida que busca capturar o outro em si mesmo, é um amor que deseja ser amado, ser amado por tudo. Hilda Hilst, escritora brasileira (1930-2004), no poema *Aquarela* reflete sobre o amor como paixão imaginária, retratado nas seguintes estrofes:

Aflição de ser eu e não ser outra. Aflição de não ser, amor, aquela que muitas filhas te deu, casou donzela e à noite se prepara e se adivinha, objeto de amor,

atenta e bela, aflição de não ser grande ilha que te retém e não te desespera. (a noite como fera avizinha). Aflição de ser água em meio à terra e ter a face conturbada e móvel. E a um só tempo múltipla e imóvel. Não saber se se ausenta ou se te espera, aflição de te amar, se te como. E sendo água, amor, querer ser terra (p.52).

O poema supracitado acima toca no amor, na paixão, no desejo e na dualidade que transcende na escrita, a medida, em que o eu-lírico se questiona ser ou não ser o amor, dessa forma o desejo de amar, se funde ao desejo de ser amada, se lançando também ao desamparo, amar portanto seria se lançar ao desamparo, na tentativa de ser capturada por um desejo, precisamente um desejo de ser salva pelo Outro. O Poema, *Aquela* retrata um significante revelado no Caso Dora, “a outra mulher” que desperta o desejo de Dora. Assim, realizando uma releitura de Freud, o teórico Lacan identifica a dialética estabelecida no caso Dora “*Aquela*” que nos forneceria o valor real do objeto é a Sra. K para Dora. “Dessa forma, cabe ressaltar que não é o indivíduo, mas o enigma, ou seja, o mistério de sua própria feminilidade, desperta um saber sobre o amor, o amor narcísico novamente reacendendo, ao amar *Aquela Mulher*” (Sra. K) Dora estaria despertando em si: o que é ser uma mulher ?

A resposta para essa pergunta retrata-se na dualidade do que é ser uma mulher, *Aquela* que se esconde no amor, para buscar o encontro de si mesmo, é a que necessita do amor do Outro para reconhecer o seu, é aquela que não tendo respostas para o seu próprio desejo vai ao encontro de outra mulher para fornecer substâncias para sua subjetividade.

Portanto a dualidade de Dora se encontra no amor e no desejo para descobrir sobre sua subjetividade, o amor como componente de elo das relações, ou mais precisamente aquilo que faz laço com o outro. O desejo como enigma de saber sobre si, nas figuras que Dora estabelece laços. Assim, a pergunta por onde se destina o seu desejo, senão pelo dois: pelo homem e pela mulher, pela mãe, e pelo pai, pelo Sr. K e Sra K. A tríade, (pai, mãe e filho) a Dádiva do sagrado (Dora é um nome do latim, que se associa a presentedádiva), de reconhecer os pais como simbolismo de sua constituição subjetiva, e a Dádiva de reconhecer o casal (Sr. K e Sra K) como representantes sociais, culturais, por onde permeia a descoberta também da subjetividade, assim a dualidade estaria representada pelo desejo que apesar de fornecer resposta, leva também a dúvida assim complementando e dialogando também com a obra de Hilda o poema desejo lança a seguinte questão: *Desejo: quem és ? perguntei ao desejo. Respondeu: Larva. Depois. Pó. Depois nada.*

Ferreira e Motta (2014) no livro *Histeria: O Caso Dora*, referencia Lacan, em seu

Seminário 4, destacando a importância da palavra “nada” no contexto da história de Dora, assim, o Sr. K. quer dizer que não há nada depois da sua mulher: minha mulher não está no circuito”. Se o Sr. K só se interessa por Dora e seu pai só se interessa pela Sra. K, Dora não seria amada pelo pai. É exatamente a falta de recurso do dom de amor do pai que ela não suporta. A recusa do amor paterno faz com que Dora se revolte absolutamente, e comece a dizer : “Meu pai me vende a um Outro”. Assim, o “nada” do Sr. K rompe com esse sistema de trocas, levando Dora a reivindicar com exclusividade o amor do pai. Dora então seria a Dádiva de buscar ser amada, e a dádiva de descobrir por onde se destina o seu desejo, construindo assim, o amor, a delícia e os perigos de ser Dádiva.

3.2 O corpo e as Marcas: As representações subjetivas no caso Dora

Os estudos psicanalíticos sempre evidenciaram o corpo, em uma tentativa de nomeá-lo não somente como objeto de estudo, mas como parte constituinte da subjetividade. Assim, o corpo aparece em suas mais diversas facetas: o corpo biológico, o corpo social, o corpo da psicanálise, e o corpo produzido a partir de discursos dominantes.

A psicanálise surge da escuta singular de um corpo afetado por um sofrimento psíquico. Dessa forma Sigmund Freud ao escutar as pacientes histéricas evidenciou que para além de um corpo marcado por sintomatologias, existia um corpo afetado por fantasias inconscientes. Nessa construção de corpo que ultrapassa décadas, e que ainda tem muito a se construir e desconstruir, portanto se faz necessário estabelecer a distinção entre o corpo biológico e o corpo da psicanálise, reforçado por Joel Birman (1991), de que a psicanálise realiza a passagem da lógica da anatomia para a lógica da representação, ou seja, o corpo é aquele atravessado pela linguagem.

Partindo desse pressuposto Freud busca fazer uma cisão entre o corpo biológico e o corpo da psicanálise. O primeiro corpo é aquele do saber, sendo marcado pelo discurso da ciência, que busca explicações com base nos saberes da anatomia. O segundo corpo é aquele afetado pela linguagem, aquele que surge para desvelar uma verdade do sujeito, ou seja, o corpo da psicanálise é aquele corpo que se separa do corpo fisiológico para dar lugar a um corpo singular, fora da lógica anatômica, mas incluído na lógica subjetiva, um corpo marcado pela linguagem.

Existem corpos estranhos habitado pela linguagem: os corpos da espécie humana. Para dizermos francamente, eles são a vergonha da criação. São corpos

vivos da criação. São corpos que são, ao mesmo tempo, doentes pela verdade.
(Miller, 1999, p.140).

Os corpos histéricos estavam doentes pela verdade, as conversões no corpo revelavam um sofrimento psíquico, advindo de desejo e fantasias inconscientes. Assim surge a equação: quando o sofrimento psíquico atinge o corpo, ele se esvazia, se esvazia no sentido antagônico, ou seja, o corpo transborda, pela dor, pela enxaqueca, pela cegueira, pelas paralisias. Todos os sintomas que incidem sobre o corpo advêm de traumas sexuais, ou mais precisamente de fantasias que não se sustentam apenas no imaginário, mas que precisavam escoar no corpo dando sentido construção subjetiva.

As histéricas pediram para ser escutadas, mas para, além disso, revelaram que o corpo era o objeto pelo qual ecoava as dores da alma. Assim por excelência as histéricas deixaram um legado sobre o corpo: a linguagem do corpo é rica em produzir saberes sobre a subjetividade.

No caminho para descobrir o que as histéricas tinham a revelar em seu discurso Freud esbarra-se em um corpo dotado de representações, um corpo pulsional, ou seja, um corpo marcado pela pulsão. Na construção psicanalítica, a pulsão é um dos conceitos primordiais, que fornece substância para a compreensão do corpo. Para Honda (2011) a pulsão permite compreender os fenômenos psíquicos, sendo o representante dos estímulos corporais no psiquismo. Assim tal conceito é designado para referir-se ao limite entre o corpo (somático) e o psíquico.

Dessa forma a clínica psicanalítica, destaca que as histéricas sempre tinham algo no corpo a ser desvelado, e o que se desvelava era o que Freud nomeou de sintoma. Assim como a moeda que revela as duas faces, a histeria também possui suas duas faces: a primeira seria o corpo e o segundo o sintoma, ambos existem e se articulam constituindo assim a subjetividade feminina. Os sintomas corporais, para além de apresentar um sofrimento psíquico, revelam as particularidades de cada sujeito.

Freud apresentou o corpo histérico como um corpo erótico, ou seja, aquele que não segue as leis da anatomia, mas um corpo dotado de satisfação pulsional. Freud (1914; 1916) como destaca Basset (2019) o sujeito nasce dividido pela linguagem, sendo habitado pelo inconsciente, dessa forma não nasce com um corpo, mas é necessário construir um. Portanto, o corpo é uma construção psíquica e social, sendo marcado e instituído por discursos de cada época. Para além de expressão de dor e sofrimento, o corpo é onde se encontram prazeres, é onde se marca as expressões subjetivas; é onde se expressa o amor

por si, ou quíça o narcisismo; é onde se institui o discurso social da beleza, pelo qual se busca o ideal de perfeição ou o corpo ideal.

De acordo com a fenomenologia, o corpo é o modo próprio de ser-no-mundo, assim pode-se afirmar que o sujeito não tem apenas um corpo, o corpo não seria a sua morada, não sendo algo que pode se desvencilhar, mas é o próprio corpo, o seu corpo. De acordo com Merleau-Ponty (2004, p. 203) é o corpo que realiza a abertura do eu ao mundo, assim “o corpo é o nosso meio geral de ter um mundo”.

Dessa forma, o corpo é entendido como um meio de comunicação latente de experiência horizontal, como um objeto no mundo. O corpo fundamenta-se em suas interações sociais, as quais mediadas pela consciência no mundo mediante a constituição física em questão (Merleau-Ponty, 2006, p. 122)

Em um diálogo entre a fenomenologia e a psicanálise, Fernandes (2002) destaca que faz-se necessário reconhecer que as mudanças históricas e sociais revelaram um novo saber sobre o corpo. Portanto a psicanálise em sua construção toma o corpo pela via do adoecimento, ou mais precisamente toma o corpo como o limite. Assim faz-se necessário destacar que na contemporaneidade o corpo ganha um novo sentido, não mais como conceito limítrofe destacado pela psicanálise, mas sim como um corpo que resiste às marcas sociais e históricas. Assim para a fenomenologia o corpo é encontro consigo mesmo e reconhecimento daquele que o percebe (outro), assim o corpo seria a junção do eu com o mundo e dos encontros de si com os outros.

Levando em consideração a construção da psicanálise, o corpo sempre esteve em evidência, seja na escuta clínica das pacientes histericas, ou nas mais diversas formas de expressões de arte. Assim o poema de Carlos Drummond de Andrade (1984) reitera sobre as Contradições do corpo:

Meu corpo não é meu corpo, é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me e é de tal modo sagaz
que a mim de mim ele oculta [...]
Meu corpo inventou a dor a fim de torná-la interna,
integrante do meu id, ofuscadora da luz
que aí tentava espalhar-se. [...]
Meu corpo ordena que eu saia em busca do que não quero,
e me nega, ao se afirmar como senhor do meu
Eu convertido em cão servil.

O corpo duela pela via do encontro com si e do encontro com o outro. Encontros permeados pela contradição, mas embriagados de verdades, o corpo que se nega é o corpo

que se ama, o corpo que traduz a dor, em meio a conflitos internos, é o mesmo corpo que se entrega na construção do eu, e assim parafraseando Freud (1917) “O eu não é senhor em sua morada”.Asssim, o corpo não é senhor em sua casa, na medida em que não existe um domínio sobre as dores que nele aparece, mas se as dores aparecem é, pois, uma forma de desvelar um saber sobre si, uma maneira singela de se fazer existir no mundo, pois não existe construção de si sem a presença de dores.

3.3 Para Além do a-Doravel desejo: O Corpo real de Dora e seus sintomas desvelados

Se existe um objeto de desejo adorado pelo ser humano, é o que podemos chamar de corpo. É ele que dá forma ao homem, é ele que fornece a materialidade diante da vida, base para dar sentido à nossa existência. Quem tu és senão um corpo de desejos, um corpo que traduz a existência subjetiva? O corpo possui diversos conceitos e traduções, sendo objeto de estudo da ciência, da sociologia, da filosofia, da fenomenologia e da psicanálise. Entre tantas denominações e áreas de estudo, pode-se afirmar que o corpo é onde se abriga o meu Eu, o corpo é morada do sagrado, o corpo é uma construção íntima esocial, o corpo é marca da identidade, é poema, é arte, é ternura, é devaneio, o corpo é sintomático à medida que é morada de desejos.

O corpo é a imagem e semelhança, que permite reconhecer o Outro como referencial de quem eu sou, e me diferenciando do outro estabeleço assim um corpo subjetivo. O corpo é uma armadilha, onde me conheço a partir de unidades e me reconheço a partir de um todo. São partes integrantes que se separam, e que se unificam formando para além de um corpo biológico, um corpo subjetivo, inserido e construído a partir de marcas internas e externas, ou mais precisamente de experiências subjetivas e de marcas sociais e históricas.

De acordo com Lacan, citado por Coppus *et al.* (2014, p. 20), o corpo não pode ser considerado como um só, ele é uma imagem na qual o eu se reconhece, e, é tecido de linguagem, sendo marcado pelos significantes que herdamos do Outro, sem que saibamos mas que existem e contribui para a formação subjetiva. É o corpo tecido pelos ditos e não-ditos, um corpo afetado pelas experiências, é um corpo que diz sobre a constituição subjetiva.

Percorrendo os estudos Psicanalíticos sobre a compreensão do corpo, Lacan na obra “O estágio do espelho como formador da função do EU ” publicado em 1949, aborda a

constituição do EU, tomando como base a relação do bebê com a sua imagem no espelho. Assim, em tal obra, Lacan destaca que o reconhecimento do próprio corpo é fundamental para o desenvolvimento psíquico do sujeito, bem como a compreensão da identidade. Partindo de tais princípios o EU se constrói a partir do Outro, em especial da imagem que é desenvolvida com base em seu semelhante. A partir de tais estudos aose referir a esse construção subjetiva do corpo Lacan em seu *Seminário 11* (1964/2008) desenvolve o conceito de alienação. “A alienação reside na divisão do sujeito que acabamos de designar em sua causa” (Lacan, 1964/1998, p. 855). Assim para que o sujeito possa se constituir é necessário que ele possa se identificar a uma imagem idealizada e moldada pelo Outro posteriormente o sujeito separa-se desse Outro formando assim sua singularidade, a partir dos rastros de significantes deixados pelo Outro. Laurent (1997) destaca que a alienação é o fato de o sujeito, não tendo identidade, tenha que se identificar-se a algo.

No processo de alienação existe um Outro completo, infinito, portador dos significantes. Doumit (1996) destaca que o sujeito só se lança na alienação em virtude de uma promessa de ser, que se encontra na separação. Assim tal promessa só poderá se concretizar a partir da falta no Outro, que é possível a partir de um vazio, que será constitutivo do sujeito.

Fernandes (2014 *apud* Soares; Barbosa, 2020) ao afirmar de que no processo de construção subjetiva há uma experimentação de uma estrutura física despedaçada, com peças soltas que se confundem entre o que de fato é o sujeito e o que seria do Outro. Com base no olhar de um terceiro, a criança estabelece o reconhecimento, no espelho, da unidade corporal, possibilitando divergir os limites entre o eu e o outro, ou seja, os limiares da própria estrutura física. Assim, o corpo pode ser compreendido como um conjunto de peças a partir das zonas erógenas, da fonte somática da pulsão e também dos próprios objetos pulsionais: seio, fezes, voz e olhar. Lacan (1964/2008) em seus estudos sobre o corpo destaca que a relação do sujeito com o corpo está no cerne da experiência analítica. Faz-se ouvir e se dar a ver a partir de um encontro traumático do sujeito, uma perda sofrida, o seu encontro com o amor e com o vazio.

Freud (1923, p.41 *apud* Corpus, 2014) referindo que o lugar fundamental que o corpo ocupa na nossa subjetividade se deve ao fato do eu ser “primeiro e acima de tudo um eu corporal” (Freud, 1923/1996, p.41), uma imagem sustenta pelo corpo. O corpo se apresenta como um trocadilho aparece, se esconde, em um jogo de articulações e conceitos. Na criança, o corpo aparece como uma unidade que vai se apresentando como

uma descoberta singular com base nas relações com o mundo e com o outro.

Assim ao estudar sobre as pacientes histéricas, Freud ressalta a importância de o analista estar atento a como o corpo se apresenta durante a sessão. Dessa forma, a psicanálise ouve o corpo para além da matéria: o sintoma e seus significantes, a dor que paralisa, e a angústia que se converte no corpo através de doenças somáticas. No entendimento de Lacan (1985), “o gozo é propriedade do corpo vivo, que fala.” Assim, o autor utilizou-se do conceito “Estádio do Espelho”, sendo um momento que favorece a constituição do eu, ou mais precisamente da imagem unificada do corpo. O corpo aparece como objeto de gozo do sujeito, a medida que na fase infantil introduz-se os significantes do Outro e na fase adulta dissipa-se desses significantes para assim constituir aspectos da subjetividade. Lacan (1998, p.118) retoma a seguinte metáfora: “Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, é a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”. O estágio do espelho tem uma função mediadora entre o mundo interno e externo, nesse sentido o corpo é escrito pelas marcas deixadas pelo Outro, e pelas marcas descobertas ao longo da vida. A formação subjetiva é conduzida pelos rastros inconscientes da infância e pelos aspectos sociais e históricos que se apresentam como formadores de desejos contribuindo assim também para a formação de sintomas.

O Caso Dora reflete o quanto o corpo está presente na constituição subjetiva, sendo marcado pelas experiências e pelas trocas do eu com o mundo. Assim, o corpo é afetado pelo inconsciente sendo desvelado através de uma sintomatologia singular. O corpo é uma matriz que conduz ao inconsciente, Dora é marca de um corpo que conduz a uma equação: as relações sociais e o contexto social e histórico resultam em uma formação sintomática. Dessa forma, Dora apresenta Paralisias, ataques de tosse compulsiva, dificuldades para deglutir, sonhos perturbadores, náuseas e entre outros. O corpo converte o sofrimento psíquico em sintomas físicos.

O Caso Dora tecido em fragmentos, simbolicamente fragmentos de corpo, em alusão a obra “Fragmentos da Análise de um caso de Histeria” retrata os sintomas de uma jovem afetada pelo discurso dominante de uma época, de conflitos internos, de conflitos sociais, e de conflitos históricos que resistem até a contemporaneidade. Tais conflitos representados a partir de sintomas no corpo.

O sintoma é, tal como o inconsciente, estruturado como uma linguagem, porque participa da linguagem e de suas leis. É, também, fala dirigida ao Outro, lugar de onde o sujeito recebe o sentido, a significação de seu sintoma, ou seja, “sua

própria mensagem de formar invertida (Lacan 1953/1998. p. 299)

Para Lacan (1997) o atendimento do sintoma esta atrelada a decifração de uma cadeia de significantes, a fala do paciente em um processo analítico permite a articulação dos significantes, através do método de associação livre, onde o paciente fala livremente dos seus desejos, dos seus sonhos, das suas angustias, de seu adoecimento, repetindo inconscientemente a verdade sobre o seu sintoma. Portanto para Lacan (1960/1998) a experiência analítica que o homem é marcado, por tudo aquilo a que ele e chama de sintoma, à medida que o sintoma é aquilo que o liga aos desejos.

Retornando a obra original de Freud *Fragmentos da Análise de um caso de Histeria*,

Dora, aos doze anos de idade começou a sofrer de dores de cabeça unilateral do tipo enxaquecas, bem como de excesso de tosse nervosa. A princípio esses dois sintomas sempre apareciam juntos, mas depois se separaram e tiveram desdobramento diferentes. A enxaqueca tornou-se mais rara e, por volta dos dezesseis anos desapareceram completamente (p.158).

Além de tais sintomas, Dora apresentou outro sintoma significativo: a perda da voz. Para Coppus *et al.* (2014, p.27) a escuta clínica nos ensina que o sintoma possui um lugar de defesa para o sujeito, assim o sintoma interroga cada um sobre o que vem incomodá-lo no corpo.

Existe aqui uma correlação íntima entre o sintoma e o corpo que vai se mostrando. Freud (1912/1996, p.184) retrata “o núcleo do sintoma psiconeurótico - o grão de areia no centro da pérola - é formado de uma manifestação sexual somática”. Assim Dora nos ensina que o sintoma é um grão de areia no corpo, no entanto como supracitado acima o corpo é a formação de pedaços, não existe somente um grão de areia, existem várias partículas de areias em pedaços do corpo que incubam sintomas. Assim o grão de areia que incomoda é o mesmo grão que forma as pérolas, mas antes de formar a pérola, a ostra passa por um longo processo, tal como entre os humanos, seguindo essa analogia, seria a angústia. Metaforizando a pérola e o caso Dora, é preciso entender que as dores, sobretudo corporais, tem uma função: fazer o desejo inconsciente aparecer. A voz que se perde é uma manifestação do inconsciente traduzido em um corpo marcado por significantes. Assim Dora perde a voz, mas ganha o reconhecimento sobre o saber inconsciente do seu desejo.

O que incomoda no corpo, nada mais é do que um sintoma que interroga o sujeito sobre o seu real desejo. Dora nos ensina que o corpo é um lugar de depósito, não somente de conflitos internos e de desejos inconscientes, mas também é um lugar que visa dar voz

às mulheres. A sociedade pelo qual Dora viveu, era uma sociedade patriarcal, uma sociedade onde existia um desejo masculino predominante, e esse desejo não era o das mulheres, assim, como forma de viver uma sociedade onde os desejos das mulheres eram velados, onde suas vozes não eram escutadas, Dora encontra no corpo, um real deslocamento de suas experiências traumáticas advindas também de uma sociedade dominadora e patriarcal. Ficar sem voz, é dar voz ao corpo que transborda.

3.4 Corpo, identidade e construção social: quem é a Dora contemporânea?

O século XX é marcado pela construção de um corpo que ganha forma a partir de revoluções políticas, sociais e artísticas. Dessa forma é possível compreender que o corpo enquanto construção social é utilizado como referencial para manifestações de pensamentos revolucionários desde a antiguidade até os dias atuais. Tais movimentos contribuíram para uma nova perspectiva de um corpo contemporâneo, atrelado às marcas sociais depositadas em corpos subjetivos.

O contexto histórico e social atual se reconfigura a partir de movimentos que ganharam relevância, tais como o Movimento feminista; movimentos pela liberdade sexual, Sufragistas e um movimento mais contemporâneo chamado Marcha das Vadias (SlutWalks). Esses são alguns exemplos onde às mulheres utilizaram o corpo como forma de protesto e luta por seus direitos. A construção da subjetividade também é marcada pelas mudanças ocorridas em uma sociedade, sendo fundamental para o surgimento de um novo lugar para o corpo.

Para Figueiredo e Santi (2002) o corpo pode ser considerado como um movimento de significados, dessa forma a compreensão do corpo em uma sociedade é a linguagem que se traduz em gestos e expressões. Assim entender o corpo, ao longo da história, é entender seu relacionamento com a teia de significantes presentes na sociedade.

De acordo com Guberman (1999), existem diferentes corpos em nossa sociedade referenciados pela linguagem e que podem ser classificados em: corpo físico, corpo metafísico, social, cósmico e poético. O corpo físico está associado a matéria, denota uma parte do corpus da escritura; o corpo metafísico, está ligado para além do físico, onde retrata o pensamento, a visão do outro, e do espírito. Enquanto o corpo social é aquele que busca fazer uma interação entre o sujeito e a sociedade, um corpo se liga aos movimentos sociais e que se marginaliza ou é marginalizado. O corpo Cósmico é um corpo

que se amplia através do universo semântico em busca de um tu coletivo. Além dos corpos supracitados ainda existe o corpo poético, é aquele que se expressa na poesia. Há um corpo de quem escreve e de quem lê, intermediado por uma tela ou por um papel que também tem um corpo, e nele está escrito a subjetividade.

Por detrás dos teus pensamentos e dos teus sentimentos, meu irmão, há um senhor poderoso, um sábio desconhecido: chama-se o Eu si. Habita no teu corpo, é o teu corpo. Há mais razão no teu corpo do que na própria essência da tua sabedoria. E quem sabe por que é que o teu corpo necessita da essência da tua sabedoria? (Nietzsche, 1999, p. 22)

A ideia de corpo transcende os conceitos, pensamentos e sentimentos que reside em sua essência. Retratar sobre o corpo é revelar as múltiplas facetas enraizada em tal fenômeno. Não somente como uma unidade, mas sim como um corpo dotado de sabedoria, um corpo que atravessa culturas, dilemas sociais, guerras, e ainda assim um corpo que permanece vivo, sendo remodelado pelo discurso da ciência e ganhando notoriedade pela valorização do culto pela beleza imposta em nossa contemporaneidade.

3.5 A beleza do corpo: Um sintoma Contemporâneo

Os meios de comunicação enfatizam as tragédias ocorridas decorrentes de procedimentos estéticos. Os grandes telejornais retratam matérias. Morte de influenciadora por consequências de uma lipoaspiração levanta a questões: até quando as mulheres vão perder a vida em busca do “corpo perfeito”? A permanente busca pelo corpo ideal é um sintoma contemporâneo que revelam questões significativas em nossa sociedade, fazendo repensar em políticas públicas cuidado em saúde mental e estratégias educativas que visam o cuidado em relação ao corpo. Isso ainda não é suficiente para barrar a desenfreada busca por uma perfeição de corpo, à medida que o sujeito precisa arriscar a vida, ou mais precisamente arriscar o corpo como uma maneira de sentir-se vivo em uma sociedade mortificada por um ideal inalcançável.

Eis as questões levantadas sobre o corpo, à neurose do passado ainda permanece viva, remodelada em seus sintomas? O corpo é um depósito de sofrimento psíquico e dilemas sociais? A Dora do passado reflete as “Doras” do presente? Ou seja, as mulheres em busca de corresponder a desejos impostos socialmente, transferem para o corpo uma condição mortífera de desejo retratada em vários sintomas e transtornos tais como bulimia, anorexia, vômitos, ansiedades, medos, alterações metabólicas e alterações cardíacas.

Sintoma refletido no corpo decorrente de fatores psicológicos soca e culturais que se constituem como referencia para a construção subjetiva das mulheres contemporâneas.

Não existem repostas prontas para tais questionamentos, às respostas advém de uma construção social que implica consideravelmente em uma sociedade doentia pautada em um capitalismo que transforma o corpo em um objeto vendável. Para Louro, Goellner e Felipe (2003) o corpo é uma construção mutável afetado por uma promoção cultural. Assim, o corpo é modelado por uma sociedade ainda ditadora de um ideal de beleza, vendendo e comercializando uma imagem que rende mais sofrimento do que saúde, a ideia do corpo magro ser um corpo saudável, a ideia da eterna beleza juvenil transformada em altos custos, portanto a mulher contemporânea tem um corpo marcado pelas massacrantes ideias capitalista.

Com base em pressupostos socais idealista, capitalista, cultural cria-se a identidade de um corpo feminino baseado na tríade beleza, idealizações e sintomas. A contemporaneidade reforça uma beleza do corpo que só pode ser atingida vivenciada através de sintomatologias. Assim, a mulher contemporânea é amplamente empurrada a identificar-se ou a modelar a beleza de seu corpo para ser incluída em uma sociedade. Necessita-se identificar a outro corpo feminino. Metaforizando, a Dora do passado idealizava uma beleza em traços femininos, sendo lançada a uma fantasia de ser desejada. A Dora do presente se mantém submissa a ideais socais que lhe mantém refém de seus próprios desejos, lançada não mais na fantasia de ser desejada, mas sim ao vazio de não encontrar a sua própria identidade. É, portanto neste ponto que a primeira se diferencia da segunda, mas ambas estão ligadas pela submissão de um ideal de beleza que favorece a construção da subjetividade.

O vestígio dessa identificação histórica é dado por Dora quando ela conta a Freud que, durante um passeio na cidade de Dresden, na Alemanha, visita a famosa Pinacoteca dos Mestres Antigos e, ao olhar a Madona Sistina, quadro pintado por Rafael, deixa-se “ficar duas horas, sonhadoramente perdida em silenciosa admiração”. Ante a pergunta de Freud sobre o que tanto lhe agradara nessa tela, ela simplesmente responde: “A Madona!” A pintura de Nossa Senhora capturara Dora sem que ela soubesse por quê. Para Freud, esse arrebatamento é da mesma ordem da admiração de Dora pela Sra. K., sua amiga e amante de seu pai: uma imagem envolvida por uma aura que vela os mistérios do feminino. (Ferreira; Motta, 2014, p. 9)

Tendo como base a obra *Fragments de Análise de um Caso de histeria*, os mistérios da subjetividade são desvelados, em um primeiro momento Freud (1996) compreender que a origem das neuroses estão associados a fantasias e traumas inconscientes, transferidos para o corpo por meio de um sofrimento psíquico. No entanto,

essa ideia somente não da conta de contextualizar o sofrimento das Doras contemporânea, é preciso mais para explicar a beleza do corpo e os mistérios subjetivos. Frente a isso, surge então uma interpretação do Caso Dora com base no Seminário 5 de Lacan (1999). Ferreira e Motta (2014) afirmam que o fascínio de Dora pela Madona e pela Sra. K esta associado às relações especulares que constituem-se no que Lacan chama de estágio Espelho. Ou seja, a formação do eu está associado às suas relações com o outro em um regime imaginário. Assim o fascínio propriamente dito de Dora, esta na imagem do eu pela imagem do Outro, Madona e Sra. K, produzindo uma identificação imaginaria que se caracteriza pela transformação do sujeito, alienando-o em uma imagem do outro que se despoja de si mesmo e inviabiliza o reconhecimento do próprio desejo.

Na contemporaneidade as mulheres em busca de uma beleza pregada pela sociedade utilizam-se do corpo pela via especular, o olhar do outro. O olhar das mídias define a noção do corpo ideal. A forte influencia que a mídia exerce para que se tenha um ideal de beleza produz um sofrimento psíquico e ao mesmo tempo o que Cuch (2013) chamade sentimento de narcísico que se busca um ideal de “eu” inatingível, aprisionadas em padrões de beleza, camuflando aspectos constitutivos da identidade tais como a intelectualidade.

Todavia, Lacan (1959-1960) cita que quaisquer lados que abordemos o fenômeno do belo encontrarão a dor respondida e delineada por trás da imagem, como o horrível estranho e ameaçador. Sant’anna (2001 *apud* Cuch, 2013) retrata que esta ameaça é o significante de um limite, aquilo que intimida o desejo: o poder do sofrimento. Nesse caso, qualquer distancia entre o que se quer do corpo e o que ele é torna um grande problema, uma fonte de descontrole e sofrimento.

Em sua obra *Lógica do sentido* Deleuze (1969, p. 91) busca conceituar, ou mais precisamente encontrar uma nova forma de nomear o corpo, denominando corpo sem órgãos, a partir da experiência esquizofrênica e literária, afirma que o corpo opera por um novo registro, que não é o significante

O triunfo não pode ser obtido agora a não ser pela instauração de palavras-sopros, de palavras gritos em que todos os valores literais silábicos e fonéticos são substituídos por valores exclusivamente tônico e não escritos, aos quais corresponde um corpo glorioso como uma dimensão do corpo esquizofrênico, um organismo sem partes que faz tudo os insuflação, inspiração, evaporação, transmissão fluida (o corpo ou corpo sem órgão de Antônio Artuart)

Deleuze revela uma nova forma de pensar o corpo. O corpo sem órgãos não é simplesmente um conceito, mas um conjunto de praticas, não sendo interpretado, mas

sendo vivenciado, sendo um modo de existência e também um modo de vida. Para Deleuze e Guattari (2012) O corpo sem Órgãos não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama organismo. Dessa forma o organismo é um poder sobre o corpo, ele é um controle que impõe um exercício dominante ao corpo. Por isso, Deleuze e Guattari (2012, p.319) afirmam que “O organismo não é o corpo, o Corpo sem Órgãos, mas um estrato sobre o Corpo sem Orgãos.” O estrato pode ser entendido como um fenômeno de acumulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil. O estrato é um poder sobre o corpo sem órgãos, ele é um controle que impõe um exercício dominante à nossa vida e aos nossos desejos Para Deleuze e Guattari existem alguns estratos relacionados a nós: o organismo, a significância e a subjetivação.

Deleuze e Guattari (2012) retrata o organismo como sendo o Juízo de Deus, ou mais precisamente “a moral”, que pode ser compreendido como um julgamento da existência a partir de valores transcendentais. O organismo tem como alvo o corpo, o organismo cola no corpo, e tem sobre ele um poder que lhe impõe a maneira de agir. O corpo sem órgãos pode ser uma desorganização do organismo, ele libera o corpo da prisão formado pelo estrato do organismo, sendo o corpo sem órgão um processo de criação de novas maneiras de agir. O segundo classificado como significância é tudo o que é significado, tudo que é suscetível de ser interpretado, de explicação, tudo o que é memorizável. O corpo sem órgãos é uma dessignificação da significância, ele libera o corpo da prisão formada pelo estrato da significância, por isso permanece como um processo de criação de novas maneiras de pensar e de perceber. O terceiro tipo de estrato é a chamada subjetivação para Deleuze e Guattari (2012), esse terceiro estrato sujeito é um efeito da formação social em nós. A subjetivação tem como alvo a imanência do corpo, são pontos de subjetivação que nos fixam que nos pregam numa realidade dominante. Assim o corpo sem órgãos é um processo de criação de novos modos de existir, de afetar e ser afetado.

Deleuze e Guattari (2012) apresentam uma nova perspectiva de pensar a análise do corpo retratando esferas significativas em nossa sociedade, sendo estas: a cultura, o sujeito e as transformações. Portanto pensar no corpo por esta via, é saber que este encontra-se em um processo de mudanças constantes, estando atrelado a uma vasta gama de possibilidades. Partindo desse princípio pensar a subjetividade a partir da perspectiva do Corpo sem Órgãos é instaurar que não existe apenas um conceito da ciência que a defina

como tal, mas sim um conjunto de articulações que se utilizando de práticas sociais e singulares, tais como a filosofia, a literatura, permite construções de novos saberes sobre si, por meio de uma invenção.

Pensar o corpo a partir da via psicanalítica é reduzir seus conceitos. É necessário destacar que o corpo é uma instância que se coloca entre a cultura e a natureza, enquanto a subjetividade é uma construção corporal que se instaura entre o sujeito e suas relações com o outro e com a sociedade, permitindo assim a construção do eu.

Retratando o viés pelo qual este trabalho denota o Corpo de Dora, seria este um depósito de paradigmas contemporâneos? Partindo de tal princípio a contemporaneidade é marcada por um culto ao corpo, vislumbrado por uma cultura que prega o ideal de corpo pautado em padrões de beleza. Assim o corpo é moldado pelo contexto social e cultural permitindo a mediação do sujeito com o mundo. O modo particular de o sujeito enxergar seu corpo interfere nos processos de experiência e socialização, sendo também provocadores de adoecimento e sintomatologias.

Para Gusmão Sá (2016) o corpo atua como delineador de limites é onde os sujeitos sociais estão separados um dos outros, tornando-os mais autônomos em relação a si e suas atitudes. Mauss (2003) o corpo aparece como um conjunto simbólico da sociedade permitindo assim que as condutas sejam um fator complementar nas relações com o grupo. Assim, faz-se necessário o processo de educação permitindo o aprendizado do corpo, sendo construído socialmente a partir de diretrizes e significados culturais que trazem consigo as questões sobre gênero, sexualidade.

No livro *“Problemas de gênero: Feminismo e subversões da Identidade”* de Judith Butler, lançado na década de 1990, é retratado que o gênero é um problema social, pois um problema social é quando ele é sentido no corpo: “problematizar as categorias de gênero que sustentam a hierarquia dos gêneros e a heterossexualidade compulsória” (Butler, 2018, p. 8). Dessa forma o objetivo de gênero em Butler deve ser compreendido como um modo de se livrar de concepções sociais enviesadas sobre o tema, tais como a fixação em uma identidade sexual biológica, esquecendo-se de notar que o sistema sexo-gênero já é uma diversidade histórica, científica e médica que marca e identifica os corpos. Abrindo diálogo para tais questões cabe salientar que toda cultura manifesta algum tipo de preocupação com as questões de gênero e sexualidade, alinhando papéis específicos para homens e mulheres. Dessa forma problematizar o corpo é compreender toda a organização de uma cultura e como isso impacta diretamente a subjetividade feminina. Definir papéis

sem problematiza-los implica em limitar-se a um ideal postulado socialmente.

o feminismo corpóreo é o subconjunto da teoria feminista que enfatiza a importância da corporeidade sexuada e vivida e toma como seu ponto de partida a afirmação de que o corpo sexuada é fundamental para a representação da experiência. Apoiando-se em particular em ideias da tradição fenomenológica, o feminismo corpóreo argumenta que a diferença sexual não pode ser teorizada separadamente da experiência particular da corporeidade sexuada (Murphy, 2012, p.441).

Levando em consideração tais perspectivas, o corpo é considerado um elemento substancial para a subjetividade, sobretudo porque é ele que detém um saber sobre o mundo e sobre si a partir de construções subjetivas e sociais. Butler elabora grandes questões sobre a construção da subjetividade, partindo de ideias feministas, elaborando provocações filosóficas pertinentes para a compreensão do universo feminino. Assim o conceito de gênero é compreendido pelo viés social. Tal ideia corrobora para novas possibilidades de pensar o feminismo. Scott (1994 *apud* Carvalho, 2009) retratando que o gênero é uma organização social da diferença social percebida, ou seja, é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais, esses significados podem sofrer variações de acordo com a cultura e com os grupos sociais.

O conceito de gênero perpassa por uma serie de construções, em um primeiro momento para referir-se a distinções baseadas no segundo. Em um segundo momento como substituto das mulheres e um terceiro momento como construções sociais. Para Scott(1989) o gênero é uma definição, uma categoria social imposta sobre o corpo sexuada, sendo útil, pois oferece um meio de distinguir a pratica sexual dos papeis atribuídos às mulheres e aos homens. Assim as teorias de gênero apresentando-se como uma nova formade pensar o feminino e o masculino, não somente pela perspectiva biológica, mas como uma construção “o que o sujeito pode se tornar, sendo (também) mulher?” (Kerhl, 1998, p. 5).

Em seu seminário 11 Lacan (1997, p.194) remete uma questão de gênero [...] “ no psiquismo não há nada pelo que o sujeito possa situar-se como ser macho ou ser fêmea.. aquilo que se deve fazer, como homem ou mulher, o ser humano terá sempre que aprender, peça por peça, do Outro’’. Complementando tais ideias, Scott (1989) enfatiza que o homem e a mulher, masculino e feminino, não podem ser tomados como pressuposto de investigação, mas sim a partir de conceitos cujos significados múltiplos devem ser procurados, pois são diferentes em contextos culturais e históricos específicos.

Para além do gênero, outro componente que se faz importante ao destacar a ênfase do corpo para a construção subjetiva. Tal componente refere-se à identidade. Assim, o corpo é a essência da identidade. Para Weeks (1995, p.138) “o corpo é visto como o corte do julgamento final sobre o que somos e o que podemos nos tornar. Dessa forma a construção subjetiva é um fenômeno diversificado, permanece cultural à medida que o corpo apareceu como uma identidade constitutiva do eu”.

O conceito de identidade é amplamente discutido em vários campos de saberes. O resultado da diversidade de conceitos está atrelado às mudanças constantes vivenciadas em nossa sociedade, tais como mudanças políticas, culturais, históricas e tecnológicas, ofertando assim vastas possibilidades de construções desse conceito. A identidade partindo de um viés psicanalítico está voltada ao trabalho do ego. No entanto para além desse conceito, e tendo como base outras áreas de saberes como a antropologia e a sociologia, o conceito de identidade está atrelado a um conjunto de elementos simbólicos de uma determinada cultura e sociedade que formam esse emaranhado que pode ser conceituado como identidade Social. A identidade encontra-se atrelada a um registro do eu, ou seja, uma leitura de aspectos intrínsecos que são externalidades no corpo. Levando em consideração tais aspectos, é necessário refletir sobre a identidade da Dora a partir da cultura em que ela estava inserida, e refletir sobre quem seria a Dora na contemporaneidade, levando em consideração as mudanças sociais ocorridas, bem como as conquistas vivenciadas pelas mulheres. Quem seria a Dora contemporânea? Uma mulher afetada por simbolismo de uma cultura que luta pela liberdade, sobretudo sobre sua identidade.

A Dora contemporânea estaria ligada às mídias sociais, principalmente por aquilo que Lacan chama de pulsão escópica, as visualizações, ou mais precisamente a quantidade de visualizações que a coloca em um lugar hierárquico socialmente. Pela outra via, a Dora contemporânea estaria lutando por direitos iguais entre homens e mulheres, quicá igualdade salarial? A Dora contemporânea estaria se questionando sobre os seus desejos, inclusive sobre sua sexualidade e orientação sexual? Pensar o presente, é sempre retornar a um lugar do passado, refletindo sobre novas identidades e novas construções subjetivas.

Dessa forma, ao buscar compreender sobre a identidade social de uma mulher se faz necessário também refletir sobre a sociedade, seus costumes, seus valores, suas crenças, e as mudanças ocorridas. Portanto a identidade social de uma mulher está atrelada a como ela é vista socialmente. As mudanças ocorridas na identidade desse grupo são

resultados de mudanças sociais e culturais contribuindo assim para construção da subjetividade

Seria conveniente dissociar radicalmente os conceitos de indivíduo e de subjetividade. Para mim, os indivíduos são o resultado de uma produção de massa (...) Freud foi o primeiro a mostrar até que ponto é precária essa noção de totalidade de um ego. A subjetividade não é passível de totalização ou centralização no indivíduo. Uma coisa é a individualização do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social (Guattari, 2000, p.31).

A citação acima se refere a como a subjetividade é marcada pelo registro social, à medida que envolve emoções, sentimentos, estando assim marcada pelo que construímos individualmente com base nas vivências sociais. Para Menezes (2016) a subjetividade atua em um contexto social na qual a linguagem e a cultura atribuem significados às nossas experiências individuais. Inclui-se que existem dois elementos fundamentais para a construção da subjetividade. O primeiro, a linguagem, diferencia o sujeito do outro. O segundo elemento, neste caso a cultura, aproxima o sujeito de seus semelhantes gerando assim identificações e encontro entre sujeitos.

Segundo Woodward (2014) existe uma sobreposição entre os elementos subjetividade e identidade. Dessa forma ao refere-se sobre identidade individual, também estaríamos falando sobre subjetividade, sendo associado a um perfil, um modo de ser, ou seja, emoções, sentimentos, e seus traços característicos e morais. Portanto a subjetividade é a junção de dois elementos centrais: o sujeito e o social, elementos estes que interferem na formação da subjetividade.

Dessa forma a construção da subjetividade considera elementos tais como a identidade, onde alguns autores consideram-se como indissociáveis e intercambiáveis. A identidade individual como produto social resultante da interação do sujeito com o mundo social. Essa interação resulta em identidades sociais que incluem papéis sociais tais como: psicólogo, professor, relações sociais (amizade, casamento, namoro) e identidade grupal (família, religião e política). Portanto a identidade de um sujeito levando em consideração Menezes (2016) é composta por elementos diversos ou atributos emergentes da interação social. A identidade não é fixa, portanto; ao contrario, ela é passível de mutação.

Com base em uma leitura crítica, e articulando com obras contemporâneas, o texto *Fragmentos de análise de um caso de Histeria*, o conhecido Caso Dora, observa-se que apesar dos deslocamentos teóricos e práticos que a psicanálise permite, o Caso Dora encontra-se atravessado por uma dialética entre corpos e prazeres. Foucault (2011) reflete sobre as formas alternativas de compreender a relação dos indivíduos com os corpos e os

prazeres, buscando uma forma de compreensão de si mesmo não centradas no desejo tampouco em identidades sexuais. Uma forma de dizer não ao “sexo rei” e politizar a experiência da relação com pessoas do mesmo sexo recusando as armadilhas de sua época. Diante das questões o sexo rei estaria associado:

A confissão, o exame de consciência, toda uma insistência sobre os segredos e a importância da carne não foram somente um meio de proibir o sexo ou de afastá-lo o mais possível da consciência; foi uma forma de colocar a sexualidade no centro da existência e de ligar a salvação ao domínio de seus movimentos obscuros. O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso. (Foucault, 1978, p. 127).

Para Almeida e Longa (2021) A psicanálise sob esse viés é condicionada ao familialismo por dois motivos: a utilização do “complexo de Édipo”, e a reinvenção e utilização da prática da confissão. Estes arcabouços teóricos produzem a psicanálise como sendo um mecanismo que mantém e estabiliza o poder dominante sobre as questões da sexualidade produzidas pelo desejo de controle dos corpos. Em uma carta escrita a Fliess Freud apresenta uma possível bissexualidade psíquica que serviria para atestar seus achados sobre o elo entre a sexualidade infantil e os sintomas histéricos. O fato é que Dora é capturada por um desejo à Sra.K que apresenta-lhe de maneira inconsciente um saber sobre o corpo que capturava os homens pelo qual Dora tinha afeto, no entanto Dora destinando tanto ao homem como a mulher um afeto pelo qual Freud denominou de bissexualidade psíquica. Por conviver em uma cultura conservadora, Dora não conhece o outro lado de sua sexualidade que poderia se apresentar pelo amor à Sra.K, sendo transferido por uma via de rivalidade, uma rivalidade traduzida pela semblante do que é ser uma mulher ?

4 O QUE A CONTEMPORANEIDADE APRESENTA SOBRE AS SUBJETIVIDADES?

4.1 A beleza da subjetividade Feminina: o espelho que captura o desejo

A contemporaneidade é marcada pelo capitalismo feroz, que consome as subjetividades, enquadrando os indivíduos em produtos vendáveis, assolando as particularidades e valorizando o que é universal. Portanto podemos nos perguntar: para qual modelo de beleza o corpo feminino encontra-se refém? De acordo com Boris e Cesídio (2007) a beleza do corpo é um fator intrínseco à constituição da subjetividade, sendo caracterizada como a forma de ser no mundo. Apesar disso, a subjetividade também é constituída por um processo histórico, social e individual que se molda de acordo com os avanços e retrocessos da sociedade.

A psicanálise aponta algumas reflexões sobre o corpo feminino, dialogando com a filosofia a arte e outros campos do saber. Dessa forma o corpo da mulher na contemporaneidade é normatizado pelo espetáculo do culto ao corpo, adotando-se um perfil sobre o que se espera da mulher: um corpo magro, um cabelo alinhado, uma beleza utópica, formando assim padrões estéticos. A mídia especialmente a publicidade valoriza o corpo feminino pautado no consumismo como atributos necessários para a aceitação social e distanciando-se cada vez mais do corpo subjetivo, sendo aquele atribuído pelas diferenças.

Rosário e Aguiar (2005) afirmam que o corpo feminino assume um sentido no *parecer* e não no *ser*, tendo um valor simbólico, e consequentemente um valor de troca, que ignora as próprias marcas constituintes da subjetividade. O *parecer* encontra-se enraizado nos padrões estabelecidos pelo capitalismo, e o *Ser* encontra-se perdido, na busca de descobrir quem é a mulher. O poema de Clarice Lispector *Se eu fosse eu* ressalta uma questão filosófica: quem é a mulher? Com esse questionamento ela aponta a construção do sujeito e sua relação com os objetos apontados pela psicanálise. “*Se eu fosse eu* parece representar o nosso maior perigo de viver, parece a entrada nova no desconhecido” (Lispector citado pelo Wainstock, 2014, p.24). Assim, a descoberta subjetiva da mulher contemporânea é pautada na estranheza do desconhecido, uma busca por corresponder ao imaginário social estabelecido pela lógica do excesso e pela beleza utópica.

Escrever sobre a subjetividade feminina é ir de encontro a uma obra que ainda não foi finalizada, é como se nela houvesse uma construção permanente se delineando pelas experiências unitárias. O *subjetivo* ganha um lugar singular e social, a medida que permite o encontro entre a face interna e externa do sujeito. O feminino por outro lado, é nomeado e ganha um lugar através dos sinônimos tais como: a mulher, a mãe, a natureza. De acordo com Rocha (2013) existe uma cultura na qual os lugares feminino e masculino estão previamente definidos, as mulheres realizam uma contínua operação de deslocamento entre a pessoa e a mulher, entre a esfera afetivo-sexual, intelectual-cultural. Dessa forma ao longo da história as mulheres buscam reprimir suas necessidades para se sentirem pertencente ao universo da linguagem, gerando apenas uma cópia do universal, apagando sua singularidade real e concentra.

Para Violi (1991) o discurso feminino é silenciado por imposições histórico-sociais, no entanto é possível de ser modificado a partir da autoconsciência, ou seja, da particularidade da própria experiência, permitindo assim as mulheres falarem de si e de sua liberdade.

Algumas obras de Clarice Lispector abordam a liberdade de pertencer a si mesmo, mergulhada nas profundezas da subjetividade feminina, trazido em crônicas, poemas e histórias que refletem os desafios de pertencer a si mesmo.

Quando eu não sei onde guardei um papel importante e a procura revela-se inútil, pergunto-me: se eu fosse eu e tivesse um papel importante para guardar, que lugar escolheria? Às vezes dá certo. Mas muitas vezes fico tão pressionada pela frase, se eu fosse eu, que a procura do papel se torna secundária, e começo a pensar, diria melhor, sentir... E não me sinto bem. (Lispector, citado Wainstock, 2014, p.256)

O poema acima de Clarice Lispector aborda uma busca incessante por um lugar que simbolize a liberdade e que permita desnudar a beleza do ser mulher. A beleza poética das palavras, permitindo deslocar a busca pelo ser mulher para o pensar e logo depois, o sentir. Sentir, pautado no desconforto, a mulher sente-se enquadrada em um discurso social moldado por uma cultura, onde o encontro com subjetividade revela-se por uma incessante busca do sentir fora da lógica do enquadramento, onde não existe um lugar definido para a subjetividade, existem lugares a serem descobertos. Portando a subjetividade feminina é uma eterna busca por um saber que dialoga com o discurso do mestre, apontando faltas. É um saber que se escancara na arte, na poesia, na música, e até mesmo na escrita, assim, a subjetividade feminina é um saber que escorrega entre todos os saberes.

De acordo com Corso (2006) a verdade é que a beleza só existe para um olhar, sem

esse reconhecimento não faz sentido, por isso o espelho é o complemento necessário da imagem, conduzindo a duas questões: quem eu sou? E o que sou para o Outro?. Dessa forma, a mulher que se olha no espelho desnuda sua subjetividade, ao mesmo tempo em que descobre o impacto do olhar do outro sobre si, olhar este, constituinte da subjetividade.

Para Lacan (2003) o espelho pode ser considerado metáfora do olhar do Outro. Assim para que a mulher encontre uma forma de se colocar em uma posição feminina, é necessário que ela se sinta abrigada, olhada e margeada pelo desejo de um outro que a singularize, numa relação que se revela constitutiva. Espelho, Espelho meu, o que você revela de mim?

O Espelho revela-se em múltiplas faces, uma das faces da mulher capturada no espelho é o desejo, o desejo de ser amado, o ódio de não ser amada e a face intraduzível, ou quiça indizível. O espelho como metáfora revela a dor de existir que seria o mal-estar que acomete um sujeito quando o desejo dá lugar à pulsão de morte. Para Fuentes (2012) haveria nessa questão o impasse feminino “dor de inexistir” firmando o sentimento de perda não localizado pela mulher, ao perder o amor, perde-se o lastro de sua existência, aqui se instaura uma perda subjetiva. Assim, para constituir sua subjetividade a mulher enfrenta a descoberta de si destinando o seu amor ao outro, portanto, o amor ao outro é um retorno do amor narcísico. Um caminho para ir de encontro a essa marca subjetiva é o que Lacan chamou de devastação, sendo este o retorno da demanda de amor para uma mulher.

O retorno nomeado por Lacan como devastação feminina é também o encontro com a subjetividade, à medida que ela se constrói pela via das parcerias, pela via dos encontros, e pela via das identificações. A mulher ao construir sua subjetividade elege o amor como saída, parafraseando Lacan (2008) o amor é um dos semblantes que ao qual a mulher recorre para suprir a falta do significante do sexo feminino. Nesse sentido existe algo na subjetividade feminina que escapa ao discurso, assim a mulher diante da face do amor não pode vir sem um dizer, pois é nesse dizer que se descobre a reestruturação de uma identidade fálica. Em sua demanda de amor ao Outro e de ser amada há fundamentalmente uma demanda singular que escapa à todas as faces, aquela que somente o desejo consegue capturar: a face de quem eu sou, ou mais precisamente o indizível de quem eu sou.

4.2 A Neurose contemporânea: O lugar dos sintomas para a construção da subjetividade feminina

A construção da psicanálise em seu cerne retrata a histeria evidenciando dois principais aspectos: o corpo e o sintoma. O primeiro nos estudos freudianos revela a dimensão pulsional, erógena, à medida que pela via da sexualidade infantil possibilita a constituição da subjetividade feminina. O sintoma por sua vez, permite acessar uma verdade inconsciente do sujeito, tendo um sentido paradoxal, pois à medida que permite o prazer inconsciente, leva também ao sofrimento. Portanto o corpo e o sintoma são duas unidades inseparáveis, enquanto o primeiro se mostra como uma estrutura física, o sintoma aparece como uma expressão, uma via que permite dar sentido à história subjetiva do sujeito, fazendo o corpo existir pela via sintomática.

O sintoma ao longo da história ganhou um lugar de notoriedade, no campo da medicina enlaçada ao saber médico, o sintoma estava atrelado ao sinal de um adoecimento no corpo, evidenciando um desequilíbrio no campo orgânico. Com o advento da psicanálise o sintoma surge como via de dar voz aos desejos inconscientes, demarcando um novo lugar para o sofrimento das mulheres histéricas. Portanto conhecer o sintoma contemporâneo como via de acesso à subjetividade feminina é considerar as mudanças históricas, sociais, políticas e psicológicas que contribuíram para a construção de um novo saber sobre a mulher histérica na contemporaneidade.

Salienta-se que o sintoma ao encarnar a verdade do sujeito, em seu tratamento não busca elimina-lo, mas sim construir um saber sobre o próprio sujeito, parafraseando o filósofo Sócrates “conhecer a si mesmo é o princípio de toda sabedoria”. Dessa forma só é possível conhecer o universo da subjetividade feminina a partir do seu sintoma. Para Laia (2008) apoiando-se no corpo, o sintoma pode cumprir a função de denunciar um desejo outrora recalcado, ao passo que indica também uma maneira de gozar. O sintoma seria “o estranho que habita o corpo”. O estranho denuncia o caráter do desconhecido, assim o corpo que acopla os sintomas retrata uma maneira singular de permitir acessar o desconhecido tornando-o conhecido ao sujeito dissolvendo assim a sintomatologia.

De acordo com Zucchi (2014) nos primórdios da psicanálise de Freud buscava-se dissolver os sintomas corporais através da fala, mas precisamente do método de associação livre. Na contemporaneidade a proposta é calar cada sintoma pela intervenção no corpo. A ansiedade, a angústia, se expressa pela insônia, pela tristeza. Tal questão encontra-se uma solução pela via dos psicotrópicos, ou mais precisamente pelos ansiolíticos e antidepressivos, que, ao mesmo tempo em que alça o corpo como protagonista da terapêutica, o cala como expressão de uma mensagem cifrada. Dessa forma na época de

Freud os sintomas histéricos remetiam a um sentido inconsciente que era desvelado pelo trabalho analítico. No entanto os sintomas contemporâneos já não se reduzem a esta máxima, pois se expressam por meio de uma fenomenologia clínica corporal, ou seja, pela via de gozo no real do corpo.

Existe uma diferença entre os sintomas neuróticos descritos na época de Freud para os sintomas neuróticos contemporâneos? Diante de tal questionamento, existe uma possibilidade de resposta. A neurose histórica necessita de um corpo para a constituição do sintoma. Apesar disso, nas neo-conversões o que se encontra é a tentativa de construir um corpo a partir de um sintoma. Diante disso se faz necessário compreender que as neo-conversões são fenômenos em que o corpo se presta a localizar o gozo, mas sem o apoio do Nome-do-Pai.

Desse modo para encontrar a resposta para o questionamento citado talvez seja necessário mudar a pergunta. Existe um aumento de psicoses na realidade ou as neuroses estariam se apresentando de outro modo? Para Zucchi (2014) é necessário considerar as mudanças culturais, e uma dessas mudanças inclui-se a redução dos ideais de identificação coletiva, gerando novos laços simbólicos, não mais baseados no amor ao pai tradicional, mais sim, no que Lacan (1997) denominou em seu seminário 10, de Pluralização dos Nomes dos Pais. Este conceito estaria ligado há uma diversificação das formas de estruturação das neuroses. Maleval (2002) destaca que a pluralização dos Nomes dos Pais corresponde a uma necessidade: a incompletude do Outro já não permitir conceber o pai como universal, gerando assim o sintoma atual da neurose.

Lacan ao final de seu ensino empreendeu uma revisão do sintoma a partir da noção de que o sintoma histórico, baseado naquele no qual a psicanálise se edifica, é essencialmente identificação ao sintoma do outro; assim, para Laurente (2013) existe a histeria rígida ou histeria incompleta onde o sintoma se sustenta sem o interpretante que seria o Nome-do-Pai. A neurose é uma organização subjetiva diante das mudanças culturais, e o sintoma neurótico é a resposta singular do sujeito na tentativa de corresponder às necessidades sociais, culturais e políticas. O sintoma é, portanto a via pelo qual o sujeito escapa, mas também é a via pelo qual o sujeito se prende, seja pelo discurso dominante identificatório, seja por desafiar o significante mestre da contemporaneidade.

Existe, pois um fato significativo sobre a histeria na contemporaneidade sendo este: não se trata de um fenômeno exclusivamente das mulheres, pois a definição da histeria não

se alude a gênero do sujeito e sim como este se posiciona diante da castração do Outro.

Diante disso Lacan indaga:

Por onde andarão as histéricas de outrora, essas mulheres maravilhosas, as Anna O., as Emmy von N.? Elas representavam não apenas um certo papel, mas um papel social certo. Quando Freud se pôs a escutá-las, foram elas que permitiram o nascimento da psicanálise. Foi a partir de sua escuta que Freud inaugurou um modo inteiramente novo de relação humana. O que substitui hoje estes sintomas histéricos de outrora? A histeria não se deslocou, no campo social? A maluquice psicanalítica não a teria substituído? (Lacan, 1977/2007, p. 17)

Os sintomas histéricos presentes na contemporaneidade apresentam-se a partir de uma nova forma de organização subjetiva. Roudisnesco (2000) afirma que o inconsciente ressurgiu através do corpo, portanto os quadros de sintomas histéricos são evidentemente distintos daqueles relatados por Freud, isso está intimamente relacionado aos ideais sociais de cada época. Em comparação com a época de Freud, onde o Nome-do-Pai tinha efeito no corpo, na contemporaneidade o sintoma escoa pelo corpo, retratando uma tentativa de não identificar-se aos discursos padronizados tais como nas novas formas de parcerias amorosas onde o desejo encontra outros caminhos, ou na medida em que o corpo ganha novas formas de organização, pela via dos transgêneros e não-binários e novas formas de identificação de gênero e sexual

Para Bollas (2000) os sintomas contemporâneos apresentados por pacientes histéricos trazem consigo uma forma muito particular de falarem sobre si e de como se apresentam na relação com o outro. Diante disso, o viés sintomático seria uma forma em que o histérico tem de se comunicar, ou ainda, de buscar a afetividade ou mais precisamente de formar um laço social, frente às particularidades inerentes de sua formação subjetiva.

Na contemporaneidade se observa, portanto uma mudança no fenômeno da histeria, permitindo analisá-la por dois caminhos: o primeiro as “histéricas revolucionárias” que desafiam o significante mestre, ou seja, aquelas que buscam um sentido de sua existência através do corpo, um corpo que não obedece a lógica do discurso mestre. Por outro lado as “histéricas fiéis” que permanecem buscando serem amadas e desejadas, sendo fiéis ao saber médico como forma de preencher seus vazios existenciais através de cirurgias estéticas, na tentativa de também ser fiel às suas fantasias de buscar um Outro que a valorize e que valide suas fantasias incansavelmente insatisfatórias

4.3 A Dora contemporânea: Um novo saber sobre a Neurose Histórica

A Dora estudada por Freud buscava na trama familiar um lugar para nomear seus desejos recalcados, dando sentido a sua subjetividade e permitindo ainda desvelar alguns conceitos fundamentais no campo da psicanálise, entre tais conceitos, inclui-se: histeria, sonhos, desejos e a transferência. Portanto, o caso Dora inaugura o debate da transferência e sua importância no tratamento analítico, abrindo espaço para um sentido mais sólido e preciso de se buscar a verdade inconsciente. Freud reconhece que o analista tem um papel primordial na transferência, para ele a transferência pode emergir como uma exigência intensa de amor, de atenção e de reconhecimento, sob as mais diversas formas de comportamento externalizados pelo paciente. Levando em consideração tais questões, Dora permite então inaugurar saberes no campo psicanalítico que perduram até a contemporaneidade.

Estabelecendo um paralelo entre as neuroses é importante considerar que as chamadas neuroses clássicas foram vivenciadas por Dora, sendo caracterizadas por um corpo que falava por meio dos seus sintomas, sendo, portanto uma maneira de lidar com a castração. Assim para Harari (2015) o sintoma que fala é portador de um sentido que se fundamenta no amor ao pai. O caso Dora retrata o vínculo de amor destinado à figura paterna, assim como as identificações com o pai permitindo assim a construção subjetiva feminina.

Laurent (2013) retoma o conceito de histeria rígida, introduzida por Lacan, como uma forma de articular os sintomas histéricos vivenciados na contemporaneidade. Dessa forma o autor supracitado estabelece algumas diferenças entre os sintomas apresentados por Freud nas neuroses clássicas e os sintomas histéricos apresentados na contemporaneidade. O primeiro se expressavam através de fantasias inconscientes, enquanto o segundo se apresenta por meio de uma fenomenologia clínica corporal.

Retornando a histeria rígida, tal conceito surge na obra lacaniana, mais precisamente no Seminário, livro 23: *O Sinthoma*, onde ele estabelece que a histeria citada por Freud encontra-se “incompleta” na medida em que a obra introduz apenas o sintoma como tal, separado do sentido. Para Guimarães (2015) Dora possui uma histeria sem seu parceiro, por isso incompleta, uma Dora sem sentido.

Lacan (2007) utiliza o termo “rígido” para nomear uma forma de histeria apresentando-se com base no nó borromeano, sendo rígida por que se mantém sozinha. Nesse sentido o que define a histeria clássica é o sintoma como seu interpretante; o que caracteriza a histeria rígida é que ela se sustenta sem o interpretante, o Nome-do-Pai, como

sustentação à significação fálica. De acordo com Zucchi (2014), é isto que mantém a histeria dentro de uma leitura da neurose, diferenciando-a das neo-conversões ou também das denominadas psicoses ordinárias.

Para Guimarães (2015) tanto a histeria clássica como a histeria rígida existem por meio de um atravessamento do enigma que a sexualidade introduz, agregado ao trauma que advém desse encontro. Apesar disso, a histérica contemporânea traz hoje o trauma a partir do sexual em si, ao invés do trauma pela intervenção do Outro em sua subjetividade. Assim é possível considerar que o encontro traumático na histeria atual é ainda mais por conta própria, assim o lugar que o analista ocupa não é o de um Suposto Saber ou intérprete, mas sim, um lugar que convida para intervenções singulares em cada caso. Dessa forma não mais produzindo resposta sobre sua subjetividade, mas criando enigmas que permite o encontro com real do sujeito.

Em síntese, cabe ressaltar que as históricas ganharam um novo saber na contemporaneidade, um saber ainda em construção. Enquanto nas históricas clássicas o corpo era uma forma de sustentação, mas precisamente de amparo da sintomatologia, na contemporaneidade a histérica desamparada situa-se em um mal-estar contemporâneo onde o corpo não sustenta o sofrimento, precisando recorrer à farmacologia como maneira de suprir o desamparo existencial. No entanto, outra via de saída é encontrada na histeria contemporânea. Levando em consideração o contexto histórico e social, a histérica contemporânea é uma construção contínua que: desafia o discurso do mestre; não sustenta o corpo biológico, criando um novo corpo para eclodir seus desejos; revoluciona o social buscando direitos iguais; questiona o amor, e que detém o saber que o discurso religioso não se sustenta; constrói novos anjos familiares; e que goza de uma nova liberdade sexual.

Soler (2005) questiona :

em que se transformou a histeria, uns cem anos depois de Freud ter aceito o desafio, depois de a Psicanálise ter surgido na ciência para se encarregar de sua solicitação, tanto na prática quanto na teoria, e de haver conseguido inscrever o enclave de sua prática no discurso dominante? É a histeria na ciência, portanto, mas depois de um século de psicanálise que interrogamos. (p. 122)

A histérica contemporânea é aquela que desenha novas figuras de homens e mulheres, abrindo para as conquistas fálicas unissex, onde tudo se mistura produzindo fantasias e sintomas inéditos. Um exemplo disso é a mulher que retardou a maternidade se queixa de não conseguir encontrar um homem que corresponda às suas fantasias. Assim a histérica contemporânea é aquele encontro paradoxal entre o desejo e sua sustentação. A

procura incessável de manter seus desejos insatisfeitos ou de sustentar seus desejos insatisfeitos? Não é somente sobre as históricas, mas sobre o percurso da vida, uma luta entre pulsões, de encontro e desencontros, de desafiar o saber e de encontrar o sentido da existência mediante o sofrimento psíquico e os fatores sociais e históricos que influenciaram as escolhas.

4.5 A subjetividade Feminina: um novo lugar para as históricas de Outrora

Levando em consideração todo o contexto histórico e social para compreender a subjetividade feminina é necessário fazer um retorno ao passado e os aspectos que influenciaram a dimensão subjetiva das mulheres contemporâneas. Quais as culpas, anseios, medos, e mais, por onde permeia seus desejos? Com base nas mudanças históricas, as mulheres contemporâneas buscam um pensamento mais igualitário considerando o fator histórico como influenciador da subjetividade feminina contemporânea. Boris e Cesídio (2007) destacam que a subjetividade é o resultado da internalização do indivíduo com as influências socioculturais, sendo moldados de acordo com os comportamentos, valores, sistemas políticos e econômicos de cada sociedade.

Para encontrar o novo lugar das históricas, é importante considerar o discurso de uma época, principalmente na história do ocidente onde existia um discurso voltado para as diferenças sexuais, onde o modelo masculino se sobressaia, visto como sinônimo de força, sendo o sexo masculino o modelo dominante por muito tempo. Para Birman (1999) para sustentar esse discurso de dois sexos diferentes a ciência recorre à leitura naturalista dessa diferença. Nesse sentido, só existe diferença sexual por que foi concebido como algo da ordem biológica. Assim, a biologia nos aspectos anatômicos e fisiológicos seria a responsável pela diferença entre macho e fêmea. No entanto, diante disso surge um questionamento: como é possível manter a hierarquia entre homem e mulher enquanto se discutiam a igualdade de direito entre todos? Assim, se eram iguais perante a lei, deveriam, portanto ter as mesmas oportunidades. Diante de tantas questões, as mulheres sempre estiveram na busca por um lugar de reconhecimento seja diante da lei, seja diante do âmbito social. Um lugar de reconhecimento dos seus desejos. De acordo com Nunes (2000), a partir do século XIX, houve uma mudança na visão do sexo feminino, onde ele passou a ser visto como ambíguo, podendo assumir diferentes formas e lugares. Assim, a mulher do passado que era fiel aos desejos massacrantes de uma sociedade, hoje reconhece

outro lugar, sendo fiel aos seus desejos, ou quem sabe permanecendo críticas e insatisfeitas por não suportar os lugares que hoje estão submetidas.

Levando em consideração as questões sexuais do passado, a repressão e a anulação da mulher foram substituídas pela liberdade e pela independência de sustentar seus desejos em meio à sociedade. Assim, a mulher contemporânea, com base em novas redes de poder, aparece na sociedade em diferentes áreas, ate mesmo no campo sexual, tendo lugar para externalizar seus sentimentos e desejos. Tais movimentos foram possíveis através do movimento feminista, que possui o potencial de enfrentar esses discursos de ódio ao diferente, produzindo impactos subjetivos e sociais.

Esse movimento pendular de constante construção, permitindo um novo lugar para as mulheres, permite desmistificar a ideias de grupos minoritários, que se traduzem no campo da sexualidade, pela tentativa de abafar o sexual, a fantasia e o desejo pela via de uma promoção de semblantes rígidos do masculino e feminino. Assim, os movimentos feministas, bem como as mulheres contemporâneas, propõem fazer um furo neste discurso conservador, indo à luta contra o saber do mestre. A mulher nesse novo lugar permite questionar sua sexualidade, permite questionar seus papeis sociais, lutando por um lugar que predominantemente será um lugar de insatisfação.

Para Oliveira e Nicolau (2020) seguir o caminho dos discursos contemporâneos sobre a subjetividade, a partir das discussões entre psicanalise e movimentos feministas, em especial ao que tange ao feminino, é essencial em tempos de levantes conservadores. A análise do feminino pode problematizar uma concepção de simbólico masculino e repensar a mulher não enquanto essência ou negativo do homem, mas como a posição limítrofe entre o Outro e o para além. Como aquilo que faz questão ao social.

Retratar sobre o lugar da mulher na contemporaneidade, mas especificamente um novo lugar da mulher histórica, é destacar também os movimentos que contribuíram para mudanças subjetivas, sociais e culturais. Assim a nova mulher histórica desconstrói o sexo determinado pela anatomia com seu questionamento sobre ser homem ou ser mulher, resultante na máxima de Simone de Beauvoir (2009) “não se nasce mulher, torna-se”. Dessa forma se faz necessário um paralelo entre a mulher histórica do passado, sendo aquela que se utilizava do corpo e da expansão de sentimentos para retratar seus desejos inconscientes, e a mulher histórica da contemporaneidade que se utiliza do corpo para descobrir-se novos gên(ero)s, ou seja, aquela que busca no campo do amor uma possibilidade de manifestar, seja pelas vias de mudanças no corpo, seja pela onde de um

novo discurso, um discurso revolucionário.

A psicanálise e o feminismo se encontram e se confrontam à medida que ambos são frutos de construções sociais. A psicanálise busca nos desejos inconscientes uma maneira de desvelar a mulher, suas sintomatologias e angústias. O feminismo por sua vez estabelece novos lugares para as mulheres, assim ambos (psicanálise e feminismo) têm como foco a sexualidade feminina.

Na tentativa de compreender a sexualidade feminina a partir da diferença anatômica a contemporaneidade nos apresenta que não se trata mais de pensar na diferença sexual a partir de dois sexos anatômicos, mas a partir dos modos de gozo de cada sujeito. A posição masculina segue sendo marcada pela estrutura do desejo, significada falicamente, enquanto a feminina responde ao excesso que transborda no corpo.

O feminino surge como elemento de estudo ao longo dos séculos, ocupando um lugar significativo e rompendo os limites da identidade e da centralidade para impor uma nova singularidade feminina pautada em desejos libertos de discursos, uma singularidade erguida pelos pilares de desconstruções e construções, permitindo diálogo com outros saberes promovendo furos e rupturas em uma política calcada na identidade.

De acordo com Soler (2005), a ordem instaurada pelos discursos não é capaz de recobrir completamente os corpos. Diante destes, apenas é possível ofertar um semblante fálico. Em síntese, o que fica de sexo e gênero são posições simbólicas, pois o real do sexo indica não a anatomia na qual se pode descobrir uma verdade sobre sujeito, mas justamente a impossibilidade de se dizer tudo sobre ele.

4.6 Transexualidade: Um novo lugar para as históricas?

A construção da subjetividade do sujeito atravessa o discurso da ciência, e questiona o lugar dominador da cultura globalizada. Pensar em subjetividade é interligar vários conceitos: identificações, sexualidade, corpo, fantasias e desejos, entre tantos outros conceitos. Apesar disso, a cultura contemporânea nos permite articular novos lugares para viver os desejos, passando, portanto por uma transformação no corpo, desafiando assim a biologia definida pela ciência. A incidência das manifestações ligadas à transexualidade na sociedade contemporânea a construção de novos saberes sobre a subjetividade.

É possível então articular áreas de saberes que buscam explicar a transexualidade. Levando em consideração a mitologia grega como metáfora para a compreensão de

algumas experiências. Inspirado na mitologia grega, ou como diria Ovídio, “sobre corpos que assumem diferentes formas” da Grécia aos nossos dias, embora com diferentes sentidos, levando em consideração a sexualidade para além das fronteiras normativas estabelecidas pelas identidades binárias masculinas e femininas.

Assim a transexualidade não pode ser entendido apenas a partir de uma única perspectiva. De tal forma que o mito de Tirésias se apresenta em três versões distintas. Numa das versões, encontrada nas narrativas de Ferécides, Calímaco e Apolodoro, Tirésias foi cegado por Atena depois de ter visto a nudez da deusa. Numa segunda versão, que remonta a Hesíodo, e se manteve, com ligeiras variações, nas narrativas de Flegón de Tralla, Higino e Ovídio, a cegueira foi um castigo atribuído a Hera (Juno, para os romanos) depois de Tirésias ter golpeado duas serpentes em cópula. A terceira versão seria uma combinação das duas.

A versão atribuída à Hesíodo. Tirésias, na juventude, na fase iniciática pela qual todos os jovens da nobreza passavam, escalou o monte Citerão, nas proximidades de Tebas. Ao avistar duas serpentes em cópula, as separou e matou a serpente fêmea. Como castigo pela desastrosa intervenção, o jovem foi transformado em mulher. Sete anos depois, no mesmo monte, deparou-se com a mesma cena. Matou a serpente macho e retomou a masculinidade. As serpentes, na mitologia grega, remetem ao mundo ctônico, aos segredos primordiais da terra (Gaia), anteriores à vida humana e à geração de deuses do Olimpo, e estavam associadas à adivinhação e à dupla sexualidade (Brisson). Durante o tempo em que foi mulher, Tirésias teria sido uma esposa exemplar e/ou uma prostituta famosa. Do lar ao lupanar, percorreu os extremos do universo feminino.

Para coroar sua vida como mulher, teve uma filha chamada Manto. Um dia, no Olimpo, Zeus e Hera discutiam sobre o amor e sobreveio uma dúvida: quem teria mais prazer no ato sexual, o homem ou a mulher? Para resolver a contenda chamaram o homem que vivera a experiência dos dois sexos. “Ele deveria saber como era o amor, de qualquer ponto de vista” (Ovídio). Tirésias foi simples e direto: se o prazer sexual pudesse ser dividido em dez partes, a mulher ficaria com nove e o homem com uma. Furiosa com o que, no seu entendimento, fora uma resposta patriarcal, Hera o puniu com cegueira. Para a deusa, Tirésias havia revelado o segredo feminino e atestado a superioridade, a eficiência e a potência masculina, de Zeus e de todos os homens, por dar nove décimos de prazer à mulher. Foi essa a intenção de Tirésias? Não sabemos. A resposta foi ambígua. Mas ao que tudo indica, Zeus e Hera a entenderam como um elogio à potência masculina.

Para contornar a situação e compensar a cegueira, Zeus, prestigiado pela resposta, concedeu-lhe o dom da adivinhação (mantéia). A cegueira e a capacidade de prever o futuro eram, portanto, decorrentes da punição e da reparação divinas. O sistema de punições e reparações, característico das narrativas míticas, amparado por um conceito transcendente de justiça, é constitutivo do jogo de poder e hierarquias entre seres humanos e deuses, que cimenta a ordem do universo. As divindades castigam, mas também ajudam, punem, mas sabem recompensar. Tirésias experimentou os dois gumes da navalha divina.

Partidos dos pressupostos históricos e da contemporaneidade, levando em consideração os saberes da ciência a Classificação Internacional de Doenças (CID-10) estabelece que os transexuais são pessoas que apresentam um transtorno de identidade Sexual. Posteriormente no ano de 1994 com a publicação do DSM IV (Manual Diagnóstico e Estatístico das Doenças Mentais), o termo transexualismo foi substituído por transtorno de identidade e gênero. Assim segundo tais manuais e classificações a transexualidade encontra-se associado a um transtorno que se caracteriza por um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto, havendo assim um conflito entre o sexo anatômico e o sexo psicológico.

Para Picazio (1999) existe um desacordo entre o sexo biológico e o sexo psicológico, diante disso seria então a condição dos transexuais? Assim, o autor faz uma distinção. O sexo biológico e as características físicas não determinam a identidade sexual do sujeito. Portanto a sexualidade é um aspecto central da nossa personalidade permitindo os sujeitos se relacionar com os outros. Assim questiona-se: A diferença entre os corpos seria a única maneira de se admitir socialmente a identidade sexual e de gênero entre homens e mulheres? Para responder a tal questionamento é preciso articular as áreas de saberes que permitem explorar tais questões, levando em consideração os aspectos sociais, culturais e psicológicos.

Levando em consideração as pontuações de Ceccarelli (2008) a pessoa transexual evoca uma demanda fora da norma, por outro lado em seu comportamento e em seu discurso, não sugere nenhuma anormalidade. O seu funcionamento psíquico é singular, mas não patológico, diante da discussão que tal autor evoca afirma que o transexualismo não é oriundo da nossa cultura e nem da nossa época, o que é recebido é a possibilidade de “mudar de sexo” levando em consideração os procedimentos cirúrgicos que permitem tais mudanças, por exemplo, redesignação sexual, sendo caracterizada por longos

procedimentos cirúrgicos que envolvem tanto a construção de um novo órgão sexual, como a remoção de órgãos acessórios (exemplo: mamas).

O endocrinologista Harry Benjamin definiu o transexual, seja homem ou mulher, como um indivíduo biologicamente normal, no entanto profundamente infeliz com seu sexo de origem, afirmando que os verdadeiros transexuais seriam aqueles que diferentemente dos travestis, sentem-se pertencentes ao sexo oposto, estabelecendo uma diferença entre o travestismo e o transexualismo, o segundo será um desejo de fazer cirurgias para adequação do corpo enquanto o travestismo seria um modo do sujeito de organizar seus desejo com relação ao corpo, sem necessariamente utilizar-se de procedimentos cirúrgicos.

Em detrimento de discussões e de áreas de saberes que se divergem, e se complementam, a medicina buscou até determinado período um discurso em que colocava o sujeito em uma condição de patologia seja em relação às perversões, seja em uma situação mais contemporânea, como é o caso do transexualismo. O psicanalista Robert Stoller, foi um dos primeiros a dedicar seus estudos sobre gênero, tornando-se uma das mais nomeadas sobre tal assunto. O Livro do autor supracitado *Sex Ad Gender* (1968), destaca como as questões de gênero se tornaram pertinentes, utilizando-se de mais de dez anos de pesquisa, incluindo escuta com paciente e familiares, buscando uma visão inovadora sobre identidade de gênero. Em a *Experiência Transexual* (1975/1982) definiu o transexualismo como uma desordem onde o sujeito anatomicamente normal sente-se como membro do sexo oposto, conseqüentemente, deseja trocar seu sexo, embora suficientemente consciente de seu verdadeiro sexo biológico.

O teórico Lacan em uma tentativa de descrever sobre as questões de identidade e gênero faz uma retificação da hipótese de Freud sobre a homossexualidade na base da paranoia, deslocando-a para o transexualismo como manifestação sintomática.

Retornando ao Caso Dora pelo qual esse trabalho é movido, existe uma situação específica no caso. Nos relatos de Freud a jovem Dora, aos 14 anos de idade vivencia uma cena envolvendo o Sr. K e que poderia corresponder a um possível trauma, consolidando assim o seu quadro histórico. Na cena então descrita, o Sr. K convidara Dora a ir à sua loja, após uma solenidade religiosa, assim enquanto Dora esperava que o Sr. K fechasse a loja, ele a agarrou e a beijou na boca, apesar disso Dora silencia tal questão, o silêncio de Dora indicaria uma ausência possível de reação, um sintoma somático. Tal questão desperta a sexualidade de Dora, colocando-a na posição de objeto de desejo sexual do desejo

masculino.

Freud então destaca que Dora apresenta um desgosto ligado a zona erógena bucal (beijo), assim o corpo histérico é aquele onde os prazeres específicos de um órgão não se submeteram a uma experiência sexual centrada no prazer genital. Assim, o corpo é peculiar a medida que as zonas erógenas e as pulsões parciais parecem não se submeter a uma representação da sexualidade ligada a genitalidade, e por, isto, capaz de produzir a organização funcional de uma sexualidade em que seria possível a assunção de uma identidade de gênero.

Dora se colocar no lugar histérico a medida “tudo o que lhe acontece e lhe diz respeito começa a existir, para ela, por meio daquilo que fica marcado, como posições ou estados de seu corpo” (David-Menard, 1990, p. 41). Para elaborar sua identidade Dora coloca em cena seu corpo, um corpo fragmentado no qual certas regiões parecem extremamente sensíveis por absorver toda história do seu desejo. Levando em consideração total aspecto enquanto Dora apresenta um corpo fragmentado para construir sua identidade dando sentido sua subjetividade, em paralelo a tal questão, o transexualismo seria um também um corpo fragmentado, a medida que cada experiência subjetiva permite delinear um novo lugar para os objetos erógenos do corpo ?

Dora diante dessa experiência traumática faz uma recusa do corpo: silenciar o beijo seria uma forma de gozar de um lugar de filha, e não de uma mulher. Ocupando tal lugar Dora exime-se do lugar do ser mulher, e explorar seu corpo enquanto tal. Referenciando então o transexualismo, seria uma forma de desafiar a cultura, ocupando portanto não mais o lugar de filha, mas o lugar de quem sabe sobre o seu desejo. O transexualismo poderia então ser uma nova forma de gozo com o corpo, e uma forma de desafiar também o discurso do mestre. Enquanto Dora encontra-se temerosa de ocupar alguns lugares na sociedade, o transexualismo hoje, a partir da leitura histeria, seria a histérica que desvelou o seu lugar na sociedade, abandonando o que a cultura impõe ao homem e a mulher, abandonando os papéis sociais, e dando um novo lugar a construção da identidade.

A histeria atravessou os séculos transmutando sua aparência seja nos discursos dominantes seja velada pela mulher exagerada, assim a histérica é aquela cuja questão gira em torno da identidade de gênero, ou mais precisamente de um lugar para construir sua identidade.

Levando em consideração ainda o caso Dora, a relação de Dora com o Sr. K desvela um outro fator onde Freud nomeia de inclinação homossexual, revelada através de

uma relação enciumada a outra mulher. Dora utiliza-se da imagem de outra mulher para suplementar um modo de sustentar-se na feminilidade. Mas existe um ponto pouco explorada no caso Dora, a Sra. K é a substancia perfeita para Dora, pois desperta o amor de dois homens, tanto do pai de Dora, como o do Sra. K, sendo portanto a figura da mulherque desperta o desejo de Dora, permitindo nesse ponto identificar o desejo para ambos os sexos: seja para o homem seja para a mulher. A Sra. K fornece a Dora uma imagem ideal, ao mesmo tempo, em que é símbolo da feminilidade como lugar de constituição de um objeto para o desejo masculino, desperta a ameaça para que Dora saia de uma posição infantil e busque assumir o lugar de objeto de desejo, fornecendo subsídios para a construção subjetiva.

Freud apesar de buscar compreender é a histeria pelas vias de conflitos edipianos, ainda não consegue definir propriamente como seria a construção da identidade de Dora, a cultura da época de Freud foi um empecilho para identificar propriamente o desejo de Dora: A Dora fragmentada seria a Dora que é despertada por o amor a uma mulher?

Em paralelo ao transexualismo, e levando em consideração a mitologia grega, o transexualismo seria aquele que possui o amor e ódio ao mesmo objeto (o corpo), ou seja, aquele que ao mesmo tempo experimenta o desejo em duas posições diferentes ? A primeira seria o lugar do não reconhecido, o corpo biológico, e o outro lugar seria o lugar de reconhecimento, o sexo psicológico reconhecido como pertencente a uma identidade idealizada e reconhecida. Assim, enquanto Dora desvela o lugar dos desejos de maneira camuflada, ainda voltada para as fantasias, o transexual é aquele que experimenta o desejo no real, recusando e reconhecendo outro lugar para o corpo e para seu desejo.

Apesar das discussões sobre a homossexualidade de Dora, algumas literaturas afirma que Dora não é homossexual, mas sim alguém que não reconhece seu lugar como desejante. Ela não está no lugar errado, simplesmente não há lugar possível para ela. Ela está em lugar algum. Parafraseando Lacan “Dora não pode nada dizer sobre o que é; Dora não sabe onde se situar, nem, onde está, nem para que ela sirva, nem para que sirva o amor,” (Lacan, 1988, p.146), isso pois ainda não sabe o que significa uma identidade de gênero, enquanto marcador de um circuito de desejo denunciando assim a seguinte questão: O que é uma mulher ?

Assim, a histeria esta ligada a incapacidade da figura paterna de ocupar um lugar de substancia que possa sustentar o lugar de transmutação da menina para a mulher, de acordo com Safatle (2016) Dora teria sido capaz de lidar melhor com sua histeria na medida em

que pudesse integrar suas reivindicações masculinas no interior de uma relação afetiva, o que exigiria um homem para quem tais reivindicações fossem ocasiões de fosso, e não sinais de alguma forma de protestação virial ameaçadora. Isto só seria possível se Dora constituísse escolhas de objetos para além de uma série produzida pela identificação com opai. “ a histérica quer saber como modo de gozo, para fazê-lo servir a verdade, à verdade do mestre que ela encarna, enquanto Dora. E esta verdade é, para dizer de uma vez, que o mestre é castrado” (Lacan, 1998, p. 110). Portanto, Dora não quer o gozo, mas o saber sobre a verdade da castração.

Desse modo a construção da subjetividade feminina passa pela compreensão de que as posições heterossexuais são menos normativas, rígidas e coerentes do que certas teorias de gênero gostariam de nos fazer acreditar. Admitamos que na base da posição heterossexual haja a ideia de que o desejo se deixa tocar pela diferença sexual, de que há uma experiência de diferença que é motor de gozo. No entanto, tal diferença não é apenas externa, mas interna à própria identidade subjetiva. Como se no interior de uma identidade de gênero houvesse uma forma de gozo que é abertura à experiência da diferença, que é marca dos objetos e posições que foram abandonadas na constituição de uma identidade degênero e na definição de escolhas heterossexuais de objeto.

Em síntese, o caso Dora nos permite pensar as novas organizações de desejo, enquanto Dora em uma posição histérica inconsciente questiona o lugar de mestre, fazendo-o acreditar que o grande mestre também é faltoso, e castrado e que nada sabe sobre a mulher, pois essa verdade é uma eterna construção. Pela via do transexualismo o que entra em jogo não é somente o corpo, mas se aproxima também da histeria de Dora, o transexualismo será, portanto uma forma de desfalecer o saber dominante de uma cultura sobre o corpo biológico instaurando-se um novo saber sobre um corpo subjetivo que somente o próprio sujeito pode dizer a sua verdade, desafiando assim o saber da medicina, e todos os outros saberes, inclusive o da cultura conservadora que define papéis sociais. Portanto a histeria contemporânea é a aquela que inaugura um novo saber: o saber do mestre encontra-se desfalecido, e o que prevalece é um saber subjetivo, onde o próprio sujeito precisar desvelar o seu desejo sobre si, sobre o corpo, e sobre os lugares que a sociedade impõe ele.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o universo feminino no que tange ao mais particular, como a subjetividade é trilhar um caminho sinuoso, marcado por descobertas, lutas e conquistas. Na presente pesquisa foi possível observar que a subjetividade feminina é um caminho em construção, apesar disso, se molda através do desenvolvimento social, cultural e histórico. Assim, existe uma diferença entre a subjetividade das mulheres na época de Freud e a subjetividade das mulheres na contemporaneidade, sendo o desenvolvimento social, cultura e histórico o caminho para essa diferença.

A psicanálise desde a sua construção buscou nas mulheres uma via de acesso ao inconsciente, assim o enigma do feminino foi nomeado como continente negro, metaforizando que a subjetividade das mulheres é um território misterioso, sobretudo particular, portanto ao descrever sobre as mulheres é uma aproximação de desvender esse universo até então desconhecido por Freud. A obra Fragmentos da Análise de um caso de Histeria é um obra clássica que psicanálise que discute conceitos fundamentais tais como: identificação, desejo, corpo, sintoma e transferência, dentre tantos outros conceitos para buscar aproximar-se da subjetividade feminina.

Assim para elucidar as considerações finais, se faz necessário resgatar a questão norteadora, elaborada da seguinte forma: Como a Psicanálise compreende a subjetividade feminina na contemporaneidade com base nos conceitos de desejo, corpo e sintoma? Para responder a tal questão faz-se necessário retomar a idéia de desejo partindo do caso Dora. Assim as histericas estudadas por Freud resgatam que a subjetividade feminina se constrói a partir de um desejo inconsciente, sendo o desejo um retorno à uma marca psíquica deixada pela primeira experiência de satisfação, portanto entende-se que o desejo para mulheres é uma tentativa de retornar a algo que deixou marcas, não sendo possível de alcançá-lo completamente, portanto o desejo seria sempre insatisfeito nas histericas.

Entende-se que assim como o desejo não se alcança completamente, assemelha-se a subjetividade feminina, não é possível fechar em um conceito central, mas sim, compreende-se ser uma eterna construção, sendo considerados os aspectos sociais, históricos e culturais implicados nessa construção. No caso Dora pelo qual esta pesquisa traça algumas evidências, o desejo de Dora é construir-se enquanto sujeito de desejo, não mais assujeitada ao Outro, mas necessitando-se desse Outro para construir sua subjetividade, assim, a subjetividade feminina é o encontro de identificações estabelecidas

entre as figurais parentais que dão contorno a essa consutrução, bem como o encontro entre as relações interpessoais moldando assim a subjetividade do sujeito. De acordo com Rolnik (1997) a subjetividade é um modo de ser, pensar, agir, sonhar e amar, a mulher portanto constrói sua subjetividade na relação com o mundo e com os outros indivíduos, todos inseridos em um mesmo contexto e em determinado período sociohistórico.

A pesquisa formenta ainda o seguinte objetivo: investigar o processo de subjetivação feminina segundo a psicanalise articulando a noção de corpo e sintoma. Para responder a tal questão, retoma-se a obra *Fragmentos da Analise de um Caso de Histeria*, pelo qual a jovem Dora transfere para o corpo a sintomatologia advinda de conflitos internos e de uma cultura dominadora. Para a psicanálise o corpo é um lugar de representações de afetos, assim, a pesquisa apresenta que a subjetividade feminina se constrói com base no corpo. Assim, não existe apenas um corpo, existem diversos corpos que se apresentam sendo eles: corpo biológico, o corpo social, o corpo da psicanalise e o corpo produzido a partir de discursos dominantes. O corpo seria uma via de acesso à subjetividade feminina. De acordo com Basset (2019) o sujeito nasce dividido pela linguagem, sendo habitado pelo inconsciente, dessa forma não nasce com um corpo, mas é necessário construir um. Portanto, o corpo é uma construção psíquica e social, sendo marcado e instituído por discursos de cada época. Para além de expressão de dor e sofrimento, o corpo é onde se encontram prazeres, é onde se marca as expressões subjetivas; é onde se expressa o amor por si, ou quiza o narcisismo; é onde se institui o discurso social da beleza, pelo qual se busca o ideal de perfeição ou o corpo ideal.

Então o corpo seria a via de acesso a subjetividade feminina a medida que se constrói um corpo pelos ditos e não ditos dos discursos sociais. Dora é intimamente afetada por sintomatologias em seu corpo denunciando a cultura dominadora de sua época. Assim para a psicanálise o sintoma difere-se do sintoma da antomia. O sintoma em psicanálise é a via de acesso ao inconsciente, na tentativa de alcançar uma verdade do sujeito. Para Lacan (1998) o sintoma é, tal como o inconsciente, estruturado como uma linguagem, porque participa da linguagem e de suas leis. É, também, fala dirigida ao Outro, lugar de onde o sujeito recebe o sentido, a significação de seu sintoma, ou seja, "suaprópria mensagem de forma invertida" (Lacan, 1953/1998, p. 299).

Diante disso, é na sintomatologia histeria que a psicanalise constrói suas primeiras formulações, Freud buscou compreender a subjetividade feminina utilizando a mulher como metáfora para a construção do sujeito. . Assim, a psicanálise começa a delinear suas

primeiras formulações teóricas, tendo como ponto de partida a histeria, onde as mulheres transferiram para o corpo um sofrimento psíquico advindos de desejos inconscientes. Apesar disso, as mulheres também eram atingidas pelo sintoma da época: as limitações impostas por uma sociedade moldada por repressões sociais, morais e psíquicas. Nesse ponto inaugura-se o alcance da pesquisa a subjetividade feminina se constrói pela via de um sintoma de cada época. Dora, é um exemplo de como a subjetividade é construída pela via sintomática, a medida que a jovem Dora sofre de enurese noturna, tosse, afonia, dispnéia, enxaqueca entre tantos outros sintomas. A partir da análise de tais sintomas observou-se que a subjetividade feminina na contemporaneidade é afetada de outra maneira, enquanto na época de Freud as mulheres ocupavam uma posição submissa, na contemporaneidade as mulheres histericas se apresentam desafiando o saber do mestre. Ou seja, enquanto Dora sofria no corpo os abusos de uma cultura dominadora por não conseguir aceitar sua sexualidade, ou mais precisamente compreender a descoberta de sua sexualidade, na contemporaneidade as mulheres encontram na sexualidade uma via de desafiar o discurso do mestre, o discurso do saber, traduzido no discurso religioso, no discurso dos bons princípios da família.

Portanto, em síntese, cabe ressaltar que as histéricas ganharam um novo saber na contemporaneidade, um saber ainda em construção. Enquanto nas histéricas clássicas, o corpo era uma forma de sustentação, mas precisamente de amparo da sintomatologia, na contemporaneidade a histérica desamparada situa-se em um mal-estar contemporâneo onde o corpo não sustenta o sofrimento, precisando recorrer à farmacologia como maneira de suprir o desamparo existencial. No entanto, outra via de saída é encontrada na histeria contemporânea. Levando em consideração o contexto histórico e social, a histérica contemporânea é uma construção contínua que: desafia o discurso do mestre; não sustenta o corpo biológico, criando um novo corpo para eclodir seus desejos; revoluciona o social buscando direitos iguais; questiona o amor, e que detém o saber que o discurso religioso não se sustenta; constrói novos arranjos familiares; e goza de uma nova liberdade sexual.

Os sintomas históricos presentes na contemporaneidade apresentam-se a partir de uma nova forma de organização subjetiva. Roudisnesco (2000) afirma que o inconsciente ressurgiu através do corpo, portanto os quadros de sintomas históricos são evidentemente distintos daqueles relatados por Freud, isso está intimamente relacionado aos ideais sociais de cada época. Em comparação com a época de Freud, onde o Nome-do-Pai tinha efeito no corpo, na contemporaneidade o sintoma escoa pelo corpo, retratando uma tentativa de não

identificar-se aos discursos padronizados tais como nas novas formas de parcerias amorosas onde o desejo encontra outros caminhos, ou na medida em que o corpo ganha novas formas de organização, pela via dos transgêneros e não-binários e novas formas de identificação de gênero e sexual

Apesar de compreender que a psicanálise assim como a subjetividade feminina é uma construção permante de saberes, não se esgotando a análise de discursos, bem como havendo a possibilidade de novos arranjos de saberes, utilizando-se da comporação, é importante ressaltar que na contemporaneidade a histéria não é unica do feminino, na contemporaneidade explora-se sobre a histeria masculina, embora a origem do termo histeria esteja associada a útero, é importante considerar que na epoca de Freud a histeria era apenas considerada feminina, assim cabe ainda hoje nos estudos e pesquisas no campo da psicanálise retratar sobre a histeria masculina se manifesta na agressividade, na violencia contra mulher sendo um campo fértil de estudo.

A partir de uma metodologia que utilizou-se da cartografia conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari (1996), sendo um método pelo qual o pesquisador não utiliza procedimentos prontos e acabados, mas constrói no percurso das atividades os seus próprios procedimentos, sendo uma forma não diretiva de trabalho que possibilita uma mobilidade de ação no contexto de atuação do pesquisas, sendo um metodo flexível e a aberto. Com base nesse metodo e nas análises teóricas no campo psicanalise observou-se que a subjetividade feminina é um caminho em permante construção, sendo moldada pelos discursos sociais, pela cultura, e pelos movimentos históricos, tais como o movimento feminista, entre tantos outros movimentos que trazem a mulher uma nova pesperctiva do ser mulher.

Assim, a pesquisa, utilizou-se da arte, da musica e da poesia para aproximar-se da subjetividade feminina, sendo, portanto a subjetividade feminina a arte da descoberta, inacabada do ser mulher, moldada pela cultura e em constantes movimentos. Assim a mulher constrói sua subjetividade atrelada cultura a qual está inserida, sendo afetada pelos discursos sociais e capitalistas. Assim, a subjetividade feminina é, portanto o ato de resistir e lutar diante de tantos conflitos internos e externos para torna-se um sujeito de desejos, que utiliza- se do seu corpo para resistir e se constói pelas vias sintomaticas como maneira de acessar sua própria verdade elucidada no ser mulher.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BESSET, V. L. E. **O corpo...fala?** Disponível em: fundamentalpsychopathology.org/8_cong_anais/MR_360v.pdf. Acesso em: 12 abr. 2021
- BIRMAN, J. **Cartografias do feminino.** São Paulo: Editora 34, 1999.
- BIRMAN, J. **Freud e a interpretação psicanalítica.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.
- BOCCA, F. V. Histeria: primeiras formulações teóricas de Freud. **Psicologia USP**, v. 22, n. 4, p. 879-906, 2011.
- BOLLAS, C. **Hysteria.** São Paulo: Escuta/Bishop livros, 2000.
- BORIS, G. D. J. B.; CESÍDIO, M. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007.
- CABAS, A. G. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan:** da questão do sujeito ao sujeito em questão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- CECCARELLI, P.R. **Transexualismo.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008a.
- COPPUS, A. N. et al. O medo que temos do corpo: a psicopatologia na vida cotidiana. **Analytica**, v. 3, n. 5, p. 20-36, 2014.
- CAROLINA. C. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.** 18ª. ed. São Paulo: Global, 1993
- CORSO, D. L.; CORSO, M. C. **Fadas no divã:** psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Como criar para si um corpo sem órgãos. In: ABREU FILHO, O. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. **O anti-Édipo:** capitalismo e esquizofrenia São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DOR, J. **Introdução a leitura de Lacan.** v. 1. Porto Alegre: Artmed, 1992.

DOUMIT, E. (1966) Alienação. In: KAUFAMANN, P. (org.) **Dicionário Enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1996

ENGEL, M. Psiquiatria e Feminilidade. In: DEL PRIORE, M. (Org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 322-361.

FERREIRA, N. P.. MOTTA, M. A. **Histeria**: o caso Dora. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FERNANDES, M. H. (2002). Entre a alteridade e a ausência: O corpo em Freud e sua função na escuta do analista. **Percursos**, v. 29, n. 2, 51-64.

FIGUEIREDO, L. C. M; SANTI, P. L. R. **Psicologia**: uma (nova) Introdução. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2002.

FREUD, S. Além do princípio de prazer: psicologia e outros trabalhos. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. O Ego e o Id e outros trabalhos. In: FREUD, S. **Organização Genital Infantil**: Uma interpolação na Teoria da Sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, S. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In: FREUD, S. **Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago Editor, 2006.

FREUD, S.; BREUER, J. **Obras completas, volume 2**: estudos sobre histeria (1893-1895). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FUENTES, M. J. S. **As mulheres e seus nomes**: Lacan e o feminino. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

GOMES, A. A. A função materna e gênese da subjetividade em Winnicott e

Lacan. GONZÁLEZ-REY, F. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson,

2003.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUBERMAN, M. **O corpo na poesia hispano americana de vanguarda**. Londrina: Editora Uel, 1999.

GUIMARÃES, A. B. Z. **Sobre o sintoma histérico e o que dele escapa ao pai**. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

HARARI, A. Histeria sem ao-menos-um. **Opção Lacaniana online**, n.17, 2015.

HONDA, H. O conceito freudiano de pulsão (Trieb) e algumas de suas implicações epistemológicas. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 405-422, 2011.

KALLFELZ, M. B. A. **Muito além de Dora**. Porto Alegre: Correio Appoa, 2015. Disponível em: https://appoa.org.br/correio/edicao/249/mulher_alem_de_dora/247. Acesso em: 27 nov. 2022.

KEHL, M. R. **Deslocamento do feminino**. Rio de Janeiro: Vozes Editora, 2007.

KUPFER, M. C. M. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. **Psicologia USP**, v. 11, p. 85-105, 2000.

KUPFER, M. C. M. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. **Psicol. USP**, v. 11, n. 1, p. 85-105, 2000.

LACAN, J. **Considerações sobre a histeria** (Conferência de Bruxelas em 1977). Opção Lacaniana, ed. 50. (Obra original publicada em 1977). 2007.

LACAN, J. Le séminaire de Jacques Lacan, livre 23: le symptôme 1975-1976. In: **O seminário, livro 23: O sintoma**, 1975-1976, 2007. p. 249-249.

LACAN, J. **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1985b. p. 1954-1955.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1985a.

LACAN, J. **O seminário: mais, ainda (1972-1973)**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008b.

LACAN, J. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, 1964. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.198-205.

LACAN, J (1969). Duas notas sobre a criança. **Opção Lacaniana**, v. 21, p.5-6, 1998.

LACAN, J. **Nomes- do- pai** . Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2005.

LAIA, S. **O sintoma como problema e solução**. aSEPHallus, v. 3, n. 6, p. 64-72, 2008. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_06/artigo_03.htm. Acesso em: 8 jun. 2021.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAURENT, E. Alienação e separação I. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B; JAANUS, M. (Orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LAURENT, É. Falar com seu corpo, falar com seu sintoma. In: **Correio – Revista da Escola brasileira de Psicanálise**. Belo Horizonte: EBP, 2013. p. 9-25.

LEVIN, E. A formação da imagem corporal: Psicanálise e motricidade. In: JERUSALINSKY. **A psicanálise e o desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2007. p. 63-64.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LOURO, G. L.; GOELLNER, S. V.; FELIPE, J. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Editora Vozes, 2003.

MALEVAL, J. C. **La forclusión del Nombre del Padre**: el concepto y su clínica. Buenos Aires: Paidós, 2002.

MARTINS, R. D; VORSATZ, I. Os primórdios da psicanálise e a construção da noção de fantasia. **Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)**, v. 40, n. 39, p. 251-272, 2018.

MAUSS, M. **A dádiva entre os modernos**. Petrópolis, Vozes, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas – 1948**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MILLER, J-A. O avesso de Freud. In: MILLER, J-A. **Lacan elucidado**: palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 389-407.

MILLER, J-A. **O osso de uma Ánalse**. Texto do seminário estabelecido por Sônia Vicente. Salvador: Biblioteca Agente, 1998.

MURPHY, A. V. Sexualidade. In: **Fenomenologia e Existencialismo**. DREYFUS, H.L.; WRATHALL, M. A. (Orgs.). Tradução de Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2012, p. 441-452.

NERI, R. **A psicanálise e o feminino**: um horizonte da modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NERI, R. O encontro entre a psicanálise e o feminino. In: **Feminilidades**. Org. Birman, J. Rio de Janeiro: Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, 2002.

NUNES, S. A. **Medicina Social e Regulação do Corpo Feminino**. 1982. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

OLIVEIRA, P. A.; NICOLAU, R. F. Femino em Questão: Dialogos contemporâneos entre psicanálise e feminismo, **Rev. Subj.**, v. 20, n. 2, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2359-07692020000500005&script=sci_arttext. Acesso em: 10. Out. 2023.

PESSOA, F. **Livro do desassossego**. Notas sobre uma psicologia sem sujeito e de obras que criam os seus autores, 2010.

- PICAZIO, C. **Sexo secreto**: temas polêmicos da sexualidade. São Paulo: GLS, 1999.
- PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.
- POLI, M. C. **Feminino/Masculino**: a diferença sexual em psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- WAINSTOCK, D. “**Se Eu Fosse Eu. Clarice Lispector**”. Projeto Toda Poesia. 2014
- QUINET, A. **A lição de Charcot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- RABÊLO, F. C. On the legacy of Breuer and Anna O. **Tempo psicanalítico**, v. 43, n. 2, p. 391-407, 2011.
- ROCHA, N. A; **A constituição da Subjetividade Femina em Alfonsina Storni**: uma voz Gritante da América. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- ROSÁRIO, N. M.; AGUIAR, L. M. **Corpos televisivos**: artifício e naturalidade na compensação de sentidos entre o masculino e o feminino. 2005.
- ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- SAFATLE, V. Permanecer histérica: Sexualidade e contingência a partir do caso Dora. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 19, p. 377-392, 2016.
- SILVA, A. F. R. Notas para uma história de histeria. **Estudos de Psicanálise**, n. 19, 1996.
- SOARES, M. D ; BARBOSA, J. F. O corpo ideal: representação de corpo na subjetividade e contemporaneidade. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, v. 22, n. esp. 1, p. 238-254, 2020.
- SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- TEPERMAN, D. W. Do desejo dos pais ao sujeito do desejo. **Estilos da Clínica**, v. 4, n. 7, p. 151-158, 1999.
- TOREZEM, Z. C; AGUIAR, F. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, v.11, n. 2, 2011.
- VELOSO, C. **Dom de iludir**. RCA Victor: Album 110.0014, 1977.
- VIOLI, P. **El Infinito Singular**. Madrid: Cátedra, 1991.
- WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1990.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e Diferença**: A perspectivas dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 7-72.

ZUCCHI, Marcia. Esse estranho que nos habita: o corpo nas neuroses clássicas e atuais. **Opção Lacaniana**, v. 5, n. 14, 2014.